

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

"A FAMÍLIA DA FANTASIA, A FANTASIA DA FAMÍLIA: A PRODUÇÃO DA CRIANÇA COMO EXPRESSÃO DA FANTASIA FAMILIAR".

Candidata: BELINDA PILTCHER HABER

Orientadora: Professora Doutora Sylvia Leser de Mello



Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicologia - área de concentração PSICOLOGIA SOCIAL.

COMISSÃO JULGADORA

Doutora Melany Schwartz Copit

Doutora Arakcy Martins Rodrigues

Professora Doutora Sylvia Leser de Mello

*Melany Schwartz Copit*  
*Arakcy Martins Rodrigues*  
*Sylvia Leser de Mello*

# ÍNDICE

PÁGINA

AGRADECIMENTOS

RESUMO

SUMMARY

INTRODUÇÃO . . . . .	1
CAPÍTULO 1: A FAMÍLIA DA FANTASIA. . . . .	10
CAPÍTULO II: A FANTASIA DA FAMÍLIA . . . . .	20
CAPÍTULO III: O LUTO FAMILIAR . . . . .	31
CAPÍTULO IV: MÉTODOS - ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O MATERIAL UTILIZADO . . . . .	39
CAPÍTULO V: ESTUDOS DE CASOS . . . . .	45
1. Rita ou a menina da estrela preta . .	45
2. Francisco ou o afogamento na família.	58
3. Lucas e Álvaro: irmãos	74
CAPÍTULO VI: ALGUMA DISCUSSÃO . . . . .	99
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS . . . . .	108
ANEXO . . . . .	111

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho é fruto e expressão de convívios vários. São relações que, por suas dinâmicas próprias, pelos sentimentos envolvidos, pelos pensamentos veiculados, acabaram por gerar este texto. Mais criativo em alguns momentos, mais tosco em outros, agradeceria se ele pudesse ser tomado como uma obra aberta - aquela que se oferece a diferentes leituras e pede desenvolvimentos.

Em seu desenrolar o texto acabou por ser cada vez mais íntimo, e isto em dois sentidos: cada vez mais foi se deixando conhecer e formular claramente e cada vez mais - às vezes assustadoramente - foi sendo a expressão de vivências muito próximas. Agradeceria também se ele pudesse ser lido com o cuidado devido às coisas íntimas.

À Sylvia Leser de Mello, orientadora paciente, porque sempre esteve pronta para me ouvir, estimular o desenvolvimento de minhas idéias e discriminar as áreas férteis de trabalho daquelas difíceis de atravessar.

À equipe de Saúde Mental da Faculdade de Saúde Pública da USP, na coordenação do Dr. Ernesto Baptista Filho, tanto pelo interesse carinhoso pelo meu trabalho quanto pela participação efetiva no atendimento às crianças estudadas. Neste sentido, gostaria de agradecer especialmente a Helena Kon Rosenfeld, amiga e colega de trabalho.

Aos pacientes, que têm bondosamente me oferecido sua tolerância para com a minha aprendizagem.

Aos meus professores e supervisores, os da Universidade e os que tenho encontrado em meu trabalho profissional, porque têm revelado para mim o árduo e belo caminho do conhecimento do outro. Gostaria de citar aqui em especial Lino de Macedo, João Augusto Frayse Pereira, Luiz Meyer e Elias Rocha Barros.

À Vera Stella Telles, pelas frutíferas conversas em que soube delinear, no emaranhado das minhas idéias, o caminho que o trabalho pedia para ser percorrido, e pela ajuda na análise do material.

À Liána Reichstul, psicanalista, junto a quem tenho desvelado as famílias que me habitam.

À minha família, em especial minha mãe, minha irmã e meus avós, fonte de apoio e estímulo constante para o trabalho e para a vida.

Ao Enrique, companheiro de tanto e tão presente também neste trabalho por sua escuta atenta e sua reflexão, junto a quem inicio agora uma nova família.

HABER, Belinda Piltcher - A FAMÍLIA DA FANTASIA, A FANTASIA DA FAMÍLIA: A Produção da Criança como Expressão da Fantasia Familiar. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1989, 112 p.

## R E S U M O

No presente trabalho partimos da hipótese de que podemos encontrar, na produção da criança em situação diagnóstica, expressões particulares da estrutura inconsciente de fantasias de todo seu grupo familiar.

Nosso método consistiu da análise, segundo um referencial psicanalítico, dos estudos de casos de quatro crianças trazidas ao Programa de Saúde Mental do Centro de Saúde Geraldo Paula Souza da Faculdade de Saúde Pública da USP. Tais estudos de casos diferem nos procedimentos utilizados, cada um deles fazendo uso de parte dos seguintes instrumentos: entrevistas com ambos os pais ou com um deles, entrevistas com as crianças, desenhos e histórias e o CAT - Children Aperception Test.

O ponto comum entre as quatro crianças - razão pela qual foram selecionadas - é o fato de pertencerem a famílias que sofreram a perda de algum de seus membros. A perda é um dado de realidade em torno do qual podemos ver como cada família estrutura-se e como tal estruturação aparece no material da criança.

Consideramos a produção da criança sob o duplo vértice da família da fantasia - a família que a criança constitui para si a partir de suas ansiedades, defesas e desejos -, e da

fantasia da família - a estrutura de fantasias inconscientes constituída num arranjo conjunto familiar.

Podemos ver através do material como a estrutura familiar determina formas de pensar e sentir para a criança, que faz uma "tradução" particular, segundo sua dinâmica própria, da vida de fantasia da família.

HABER, Belinda Piltcher - THE FANTASY FAMILY, THE FAMILY'S FANTASY: The Production of the Child as an Expression of the Family's Fantasy. Dissertation for the Master's degree presented to the Institute of Psychology of the University of São Paulo. São Paulo, 1989, 112 p.

#### S U M M A R Y

The starting-point of this study is the hypothesis that it is possible to discover, in the production of the child in a diagnostic situation, particular expressions of the unconscious structure of fantasies of its whole family group.

The method used consists of analysis, within a psychoanalytical perspective, of the case - studies of four children brought to the Program of Mental Health of the G.P. Souza Health Center of the School of Public Health of the University of São Paulo. Such case - studies differ in the processes adopted, each of them making use of some of the following instruments: interviews with one or both of the parents, interviews with the children, drawings and stories and the CAT - Child Aperception Test.

The point which the four children have in common - which was the reason for their being selected - was the fact of their having lost one of the members of their family. The loss was a datum of reality on the basis of which it was possible to perceive how each family is structured and how such structuring appears in the child's material.

The child's production was considered under the double aspect of the fantasy family - the family which the child constructs for itself on the basis of its anxieties, defences and desires - and also on the family's fantasy - the structure of unconscious fantasies created by the family as a group.

It is possible to see, by means of the material , how the family structure determines the thinking and feeling of the child who expresses them through a particular "translation" (according to his/her own dynamic) of the family's fantasy life.

## INTRODUÇÃO

A família tem sido objeto de inúmeros estudos em diversas disciplinas e sob diferentes abordagens. Psicólogos, antropólogos, sociólogos, historiadores, humanistas dos mais variados matizes, têm se debruçado sobre esta complexa e conflitiva instituição social.

A psicanálise, com seus conceitos e instrumentos próprios, também tem adentrado esta área de investigação e feito da família cada vez mais objeto privilegiado de seu interesse. Utilizando-se de seu instrumental teórico e clínico, constituído originalmente a partir da observação de pacientes em análise, tem ampliado seu campo de investigação e reflexão para compreender as complexas relações que se dão no interior da família e na relação desta com o exterior. Tem assim contribuído para o conhecimento de uma instituição social com uma perspectiva psicológica, utilizando um arsenal de métodos e conceitos psicológicos.

O presente trabalho constitui-se dentro deste panorama de investigações. Pretende ser uma contribuição para a compreensão do funcionamento de famílias a partir de um ponto de vista psicanalítico.

O contínuo contato com crianças e suas famílias através de processos psicodiagnósticos e psicoterapêuticos forneceu-nos as idéias e o material de nossa pesquisa.

Este trabalho foi desenvolvido a partir da prática em Saúde Mental no Centro de Saúde - Escola Geraldo Paula

Souza da Faculdade de Saúde Pública da USP. Este Centro atende a população de Vila Madalena e Jardim América, áreas centrais da cidade de São Paulo.

Para o programa de Saúde Mental são encaminhadas crianças com idades variadas e queixas diversas: baixo rendimento escolar, distúrbios de comportamento em casa, na escola, na rua.

O procedimento habitual consiste em recebermos estas crianças e submetê-las a avaliações psicológicas que incluem o contato com os pais ou responsáveis. A partir destas avaliações fazemos os encaminhamentos necessários, que nem sempre indicam o tratamento da criança. Às vezes é encaminhada a mãe, às vezes o casal de pais ou a família, para diferentes formas de terapia, realizadas na própria instituição ou em outras especializadas.

Nossa atenção foi despertada, durante os contatos com as crianças e seus familiares, tanto nas entrevistas quanto nos momentos de aplicação de testes, para a complexa relação existente entre a produção da criança e a da família. Muitas vezes nos deparamos com as mesmas ansiedades, defesas e fantasias expressas através de diferentes meios pelos diversos membros de uma família; ou a produção da criança aparece como resposta, negação ou protesto às afirmações dos pais.

Nossa experiência, neste sentido, é próxima da relatada por Raquel Soifer a respeito de seu trabalho com crianças em instituições. Em seu livro Psicodinamismos da família com crianças: terapia familiar com técnica de jogo ela conta de sua percepção inicial, depois longamente elaborada,

de "alguma relação entre o brinquedo da criança e aquilo que os pais nos iam contando ... uma coincidência entre os elementos pré-verbais contidos nas brincadeiras das crianças e as expressões verbais dos pais". (20)

A partir destas experiências delineamos nossa hipótese, sobre a qual procuraremos refletir ao longo de nosso trabalho, de que a criança expressa, através de seus meios próprios, fantasias concernentes a seu grupo familiar.

Por família - ou grupo familiar - entendemos um determinado grupo de pessoas ligadas por laços de sangue ou matrimônio que habitam o mesmo lugar. Abordaremos aqui famílias nucleares - aquelas compostas pelo casal de pais e seus filhos.

A noção de fantasia é central na teoria psicanalítica. Por fantasia entendemos todo conteúdo mental dos processos inconscientes: são fantasias as representações através das quais as ansiedades, as pulsões, os sentimentos, ganham uma vida mental.

Trabalharemos com a noção de que há uma estrutura de fantasia inconsciente familiar compartilhada por todos os membros da família. Esta estrutura expressa-se diferentemente através de cada um de seus elementos. A partir dela, a família constrói uma teoria a respeito de si própria, de sua história, de seus momentos significativos.

Esta estrutura fantástica inconsciente é construída a partir das fantasias inconscientes de seus membros - não por adição ou superposição das fantasias individuais, mas por

um complexo processo de interação entre elas. Cada membro da família é responsável pela manutenção e cumpre um papel próprio no interior desta estrutura.

A criança "doente", aquela que é indicada para ser trazida para tratamento, pode ser melhor compreendida a partir de nossa atenção à estrutura de fantasias que organiza sua família e outorga os diversos lugares, funções e atribuições de cada um. Comprometida com esta estrutura, a criança pode estar limitada para novas possibilidades de ação e elaboração e privada do livre fantasiar e pensar.

Tomando este referencial, a própria vinda da criança - em geral trazida por um de seus pais - deve ser pensada a partir do interior de tal estrutura de fantasias. Muitas vezes a família nos pede, através da criança, que devolvamos ao lar um determinado equilíbrio, que bem pode ser bastante insatisfatório, equilíbrio este ameaçado em determinados momentos da vida familiar.

Poder ver a criança encaminhada como parte de um grupo familiar - e não isolá-la em sua sintomatologia particular - pode determinar rumos bastante diferentes para o encaminhamento do problema.

Teorias psicológicas importantes têm diferido na maneira de compreender a doença mental e, em decorrência, o processo psicodiagnóstico. De um lado tende-se a ver a patologia como um processo particular de um sujeito isolado. Segundo esta visão, no interior de cada um dar-se-ia o conflito pulsional do qual resultam defesas e ansiedades. A vida de fantasia, neste caso, resultaria de um processo de elabo

ração inteiramente singular, incluindo-se neste processo mesmo as fantasias sobre a própria família. Nesta perspectiva a unidade de análise e de tratamento é o sujeito ou parte dele - a doença. De outro lado encontramos a tendência a ver o sujeito "doente", seja ele criança ou adulto, como resultado de uma ação social patogênica sobre ele, da qual a família e/ou a sociedade seriam agentes privilegiados. A problemática individual é aqui dissolvida ou submetida a processos mais gerais. Trata-se, neste caso, de trabalhar com a família ou com o meio que rodeia o sujeito, para que este possa liberar-se de seu sofrimento.

A idéia que norteará nosso trabalho é a de que não é possível, se quisermos aproximarmo-nos de nosso objeto de estudo, separar a criança de sua família, para em seguida estabelecer relações de causalidade em uma ou outra direção. Consideraremos a criança como parte de uma estrutura familiar na qual tem um lugar e um papel cada um dos integrantes. Assim é que a produção da criança, de cada um dos pais, e mesmo os sintomas de cada um, devem ser expressões de uma mesma totalidade. No lugar de um pensamento determinista, que tende a ver o sujeito e sua família em relações de causalidade recíproca, pensaremos em termos de uma estrutura na qual os elementos, ao relacionarem-se, terminam por constituir o tecido das relações familiares.

Este modo de pensar encontra na Antropologia Estrutural sua explicitação sistematizada. Diz Lévi-Strauss (14) :

"As duas ordens - cultura do grupo e psiquismo individual - não estão em uma relação de causa e efeito, mas a for

mulação psicológica é apenas uma tradução, no plano do psiquismo individual, de uma estrutura propriamente sociolôgica".

Não se trata de um reflexo do social na unidade nem na constituição de uma unidade autônoma, nem ainda de uma soma de unidades constituindo o grupo. Entre a unidade e o grupo há uma complementariedade.

O termo tradução - usado pelo autor - ajusta-se na medida em que a instituição social tem que ser revivida e reinterpretada a cada vez por cada um de seus integrantes, segundo seus próprios meios. É nesta tradução, re-criação individual e múltipla, que a instituição ganha sentido. Por sua vez, a interpretação de seus membros é parte constituinte da instituição.

Amparados em tal concepção estrutural, e utilizando instrumentos de compreensão advindos da psicanálise, nosso trabalho consistirá na análise de desenhos e histórias de crianças em situação diagnóstica. Veremos também o discurso de seus pais, ou de um deles, em busca das consonâncias e dissonâncias com a produção das crianças. Buscaremos ver em que medida cada familiar é porta-voz de fragmentos de uma fantasia grupal.

O objeto de nossa atenção será a família interiorizada destas crianças: como se apresenta, como se articula com a família apresentada por outros familiares. Observaremos as diferentes "traduções", feitas por cada membro da família, da instituição familiar. É no entretecer destas traduções que se constitui a trama das relações familiares, no mesmo movi

mento em que estas relações constituem a tradução de cada um.

O convite feito é para que olhemos a família a partir do interior de seus membros. Mais precisamente, que privilegiemos uma ótica: a da criança. Nossa intenção é a de utilizarmos o material diagnóstico para dele apreender representações.

O método de interpretação do material privilegia do em nosso trabalho - a escuta psicanalítica - auxilia-nos a compreender tanto a produção das crianças quanto a fala dos pais em seus elementos inconscientes, e a irmos ao encontro dos fragmentos da fantasia inconsciente da família.

Afim de delimitarmos o campo de investigação, e no sentido de ilustrar nossa hipótese, escolhemos alguns psicodiagnósticos de crianças cujas famílias apresentam um ponto em comum: todas elas viveram, em algum momento da história do grupo, a perda de um de seus membros. Esta escolha deve-se ao fato de que, desta maneira, fica claro um elemento de realidade em torno do qual podemos ver como a família organiza-se: quais são as histórias, teorias, fantasias, qual o discurso em torno da perda. Assim podemos ver de que maneira o grupo elabora - ou não - um fato significativo de suas vidas e como este aparece na produção da criança. Na elaboração deste acontecimento todos são chamados a desempenhar um papel, a serem porta-vozes de determinadas fantasias e não outras. Assim, a criança trazida para tratamento também deve estar comprometida com este arranjo familiar em torno da perda.

Tomamos este dado como significativo da vida familiar, mas poderiam ser outros: o nascimento de um filho, a mudança de casa, doenças, a psicose em um de seus membros ... a lista seria tão variada quanto as histórias de famílias. Escolhemos três casos que julgamos ricos para nossa discussão: veremos as entrevistas, desenhos e histórias de Rita, Francisco e dos irmãos Álvaro e Lucas. São eles algumas das tantas crianças que chegam até nós.

Esperamos, ao aprofundar o conhecimento das representações destas crianças e de suas famílias, poder tocar aspectos que digam respeito a um universo mais amplo de famílias.

No Capítulo I, "A Família da Fantasia", trataremos do processo de construção pela criança de uma família dentro de si. Para tanto, trabalharemos com o conceito de mundo interno e de sua constituição, tal como desenvolvido por Melanie Klein. A seguir veremos como Freud, Laing e Meyer abordaram, com diferentes suportes teóricos e diferentes conceituações, a constituição da família da fantasia.

No Capítulo II, "A Fantasia da Família", veremos como a família é constituída por uma estrutura de fantasias que é inconsciente ao mesmo tempo que partilhada por todos os membros. Recorreremos aqui a estudiosos da psicanálise e da antropologia que refletiram sobre os fenômenos grupais e institucionais, particularmente aqueles fenômenos que têm como importante função a defesa contra ansiedades e contra

dições. A noção de mito familiar é aqui apresentada como mo delo útil para compreensão dos relatos familiares.

No Capítulo III, "O Luto Familiar", trataremos dos processos mentais envolvidos no luto e na melancolia, tal co mo trabalhados por Freud e posteriormente por Melanie Klein. Propomos que processos semelhantes ocorrem na família como um todo - no seu arranjo conjunto para lidar com a perda. Pro pomos também que este arranjo se constitui através do uso mais ou menos intensivo de identificações projetivas.

No Capítulo IV, "Métodos", apresentamos os elementos do processo diagnótico utilizados neste trabalho. O mé todo de compreensão privilegiado - a escuta psicanalítica - é aqui abordado através da noção de fantasia inconsciente.

No Capítulo V, "Estudos de Casos", apresentaremos as produções de Rita, Francisco, Álvaro e Lucas e de seus res pectivos pais - ou de um deles. Após o material de cada cri ança faremos comentários que visam elucidar as fantasias e o sentido inconsciente partilhados pelas famílias.

No Capítulo VI faremos uma discussão final que vi sa realçar os diferentes pontos abordados e levantar algumas questões que esperamos se abram para reflexão.

## CAPÍTULO I: A FAMÍLIA DA FANTASIA

Será pano de fundo para o nosso trabalho a idéia da existência, no interior de cada criança, de um mundo interno habitado por objetos.

A descoberta de Freud da existência de um outro mundo - fora do alcance da consciência - por trás dos sintomas neuróticos, dos sonhos, dos atos falhos, marca uma mudança fundamental na compreensão dos processos psicológicos. A partir de Freud os atos, os sonhos, a existência mesma, ganham um sentido novo, que os transcende e que é insconsciente. Este sentido passa a poder ser apreendido através da noção de um mundo interno, constituído por um id com impulsos múltiplos, contraditórios, caóticos, aos quais se opõem instâncias organizadas: o ego e o superego.

O conceito de mundo interno foi retomado e ampliado por Melanie Klein. Sua compreensão do mundo interno, em especial do mundo interno infantil, se fez através da observação do funcionamento mental de crianças em análise.

O mundo interno, para Melanie Klein, é um mundo de objetos e relações objetais. "A criança sente, desde o nascimento, que existem objetos, partes de pessoas ou pessoas, dentro de seu corpo, que estão vivas e ativas, que a afetam e são afetadas por ela. Os humores, sentimentos e atividades destes objetos afetarão a criança a partir do interior tanto quanto o farão as pessoas reais exteriores a ela". (11)

A vida emocional da criança e seu comportamento

são determinados por fantasias a respeito destes objetos que habitam seu corpo e dos eventos em seu mundo interior.

É importante ressaltar que tais fantasias sobre o mundo interior são inseparáveis da relação da criança com o mundo exterior e com as pessoas reais. Mundo interior e realidade não são entidades distintas que se influenciam mutuamente, mas sim uma experiência interatuante com múltiplas facetas.

Esta organização objetal origina-se no interior da relação do bebê com o seio e o ventre maternos. A criança experimenta desde o início dois tipos opostos e básicos de emoções e impulsos - libidinosos e agressivos - provenientes das pulsões de vida e de morte. Estes afetos são dirigidos primeiramente a objetos parciais, não a pessoas inteiras mas a partes suas: o mamilo, o seio, partes do interior do corpo da mãe.

Assim, as primeiras experiências do bebê de amamentação e da presença da mãe constituem uma relação objetal com ela. Como dissemos, esta relação é, no início, uma relação com um objeto parcial, na medida em que impulsos oral-libidinais e oral-destrutivos no começo da vida estão dirigidos, em especial, para o seio materno.

As repetidas experiências de gratificação e frustração no interior desta relação constituem poderosos estímulos para os impulsos libidinais e destrutivos - para o amor e o ódio. O seio materno, quando vivido como gratificador, é amado e sentido como "bom". Na medida em que for uma fonte de frustração, será odiado e sentido como "mau".

O seio da mãe, tanto em seu bom como em seu mau aspecto, vai progressivamente fundir-se, para o bebê, com a presença física materna, e a relação com ela, como pessoa, é assim construída gradualmente desde o estágio mais inicial.

Além das experiências de gratificação e frustração com a mãe real, uma série de processos mentais - fundamentalmente a introjeção e a projeção - contribuem para uma dupla relação com o primeiro objeto. O bebê projeta seus impulsos de amor e os atribui ao seio gratificador, assim como projeta seus impulsos destrutivos e os atribui ao seio frustrador. Simultaneamente, pela introjeção, um bom seio e um mau seio são estabelecidos dentro dele. O seio bom - externo e interno - converte-se no protótipo de todos os objetos bons e gratificadores. O seio mau é o protótipo de todos os objetos persecutórios internos e externos.

O que queremos enfatizar é que o seio é, a um só tempo, objeto primordial que supre as necessidades orgânicas e suporte para as primeiras experiências emocionais do bebê. A partir do seio real, vai constituir-se na mente do bebê um seio imaginário, carregado de sentimentos de amor e ódio. A relação com o seio vai ser precursora e modelo da relação do bebê com os objetos ao seu redor.

Há uma continuidade que vai da relação com o seio para a atribuição, pela criança, de sentimentos e impulsos a outras pessoas ou partes das pessoas. Da mesma forma que com a mãe, a experiência psíquica da criança em relação à realidade é colorida por seus próprios sentimentos, humores e desejos. No mesmo movimento de atribuição de sentimentos aos

objetos do mundo, a criança introjeta tais objetos agora ple  
nos de seus próprios sentimentos. Estes passam a constituir  
a criança na sua relação com o mundo.

Assim é que, através de um fluxo contínuo de intro  
jeções e projeções constituem-se, desde o começo da vida e  
no interior de cada um, os objetos amados e odiados, que são  
sentidos como bons ou maus e que relacionam-se entre si e  
com a criança, correspondendo a múltiplos e variados aspec  
tos, bons e maus, através dos quais as pessoas aparecem na  
mente da criança ao longo do seu desenvolvimento.

Cabe ressaltar o caráter vivo e dinâmico deste con  
junto de objetos em contínua interação. O objeto não é coisa  
rígida e imaterial. Ele é constituído de uma plasticidade pró  
pria da vida afetiva, já que é carregado de sentimentos, de  
sejos e pensamentos atribuídos a ele pela criança.

Em seu estado inicial este mundo objetal tem um ca  
ráter totalmente fantasmagórico e extremo, quer seja este ter  
rorífico ou maravilhoso, e pode passar rapidamente de um ex  
tremo paradisíaco a outro infernal. Reina nele a onipotência  
da criança ou dos objetos.

Neste mundo infantil não existe o critério de rea  
lidade: o fantástico e o percebido estão confundidos, e se  
trata de um longo e penoso processo a construção correlativa  
dos mundos interno e externo como regiões diferentes e sepa  
radas. Há uma experiência única, prévia à diferenciação en  
tre o externo e o interno, que é matriz de ambos os mundos.  
Willy Baranger (1) fala, assim, de um "campo primitivo de ex  
periência". Neste campo, diz ele, "as fronteiras entre a fan

tasia e a percepção estão longe de serem esboçadas. Não há critério de diferenciação entre o real e o imaginário... E é a atitude da criança frente aos seus objetos imaginários, imagens fantásticas dos objetos externos, que determinará suas relações posteriores com seus objetos".

Mundo interno e mundo externo se complementam. Através do entrelaçamento e da mistura entre os objetos internos e externos, em seu processo de constituição mútua, a criança vai se construindo. Para adaptar-se à realidade há um verdadeiro trabalho da criança, processo de atrito e fusão entre sua interioridade e os objetos a serem apreendidos.

Como sugerimos, a relação da criança com o seio é o protótipo da relação da criança com o mundo. Progressivamente o bebê amplia seu universo de relações significativas para abarcar o pai, os irmãos, os mais próximos. Estas relações vão constituir-se sobre uma matriz de sentimentos de amor e ódio, gratificação e frustração, em grande parte já experimentados com a mãe. Esta, na relação inicial estabelecida com o bebê, é na verdade a porta-voz de toda uma situação familiar e o veículo através do qual o bebê ingressa na família, obtendo aí sua localização.

A família, como quer que esteja constituída, é o núcleo primordial que envolve a chegada da criança. Este é o seu primeiro encontro com o mundo: o toque de um, o olhar de outro, o carinho e a rivalidade dos próximos. Ao mesmo tempo, e desde sempre, os familiares serão os suportes preferenciais nos quais a criança depositará seus primeiros sentimentos, pensamentos, suas mais primitivas ansiedades.

Do interjogo entre a família real e seus sentimentos, impulsos e desejos, a criança constrói uma família dentro de si. Esta é resultado de um complexo interjogo de introjeções e projeções que acaba por habitá-la, por revestir sua representação da família, sua visão do que é seu universo familiar. Desta maneira, interfere, molda sua relação com a família real.

Freud, a partir de sua teoria da sexualidade infantil, aponta para o fato de que as crianças constroem imagens de seus pais, de sua família, a partir de suas próprias teorias sexuais, que por sua vez são expressão do conflito entre suas pulsões e as forças repressoras. Em um artigo de 1909 intitulado "Romances Familiares", ele descreve o processo através do qual as imagens dos pais vão se transformando em consonância com as mudanças evolutivas da criança.

Assim, por exemplo, no começo os pais são a fonte de tudo para a criança: do alimento, do amor, do conhecimento, e também da autoridade e do castigo. Fontes de satisfação e de frustração, são investidos da gama maior de afetos e fantasias. Ocupam então o centro da vida mental da criança.

A atividade imaginativa da criança em torno da família constitui a um só tempo uma realização de desejos e uma retificação da vida real. Esta atividade, de acordo com a teoria da sexualidade infantil, tem um objetivo erótico. Os interesses infantis determinam o curso do romance familiar de cada um, já que sua multiplicidade e amplitude de formas permite-lhe satisfazer toda uma série de desejos e

conflitos. "Assim, por exemplo, o jovem construtor de fant  
sias pode eliminar o grau proibitório de parentesco que o  
 une a uma irmã por quem se sente sexualmente atraído". (8)

A sexualidade infantil batalha contra a percepção  
 da realidade da família, a favor da manutenção de uma vivên  
cia interna na qual encontra plena satisfação.

Queremos propor que, na constituição de tais teo  
rias infantis, a família não participa apenas como elemento  
 à disposição da inventividade da criança. Trata-se de um pro  
cesso mais complicado, no qual a família apresenta-se para a  
 criança enquanto conjunto de significações previamente esta  
belecidas a serem incorporadas e utilizadas posteriormente  
 pela criança.

A questão do complexo interjogo de interiorizações  
 entre família e criança tornou-se objeto de estudo para di  
versos psicanalistas.

Laing, em seu trabalho com famílias (13), opta por  
 colocá-la entre aspas - "família" - para referir-se à famí  
lia enquanto conjunto de relações interiorizadas. Ele diz:

"A "família" não é um simples objeto social compar  
tilhado pelos respectivos membros. Para cada um de seus mem  
bros a "família" não é um conjunto objetivo de relações. Exis  
te dentro de cada um dos elementos que a compõem, e em mais  
ninguém."

Citando Sartre, Laing sugere que a família encon  
tra-se unida pela recíproca interiorização feita por cada um  
 dos membros (cuja marca de membro seria precisamente esta fa

mília interiorizada) em relação às interiorizações dos outros. "A unidade da família reside no interior da síntese de cada um, e cada síntese encontra-se ligada por interioridade recíproca com a interiorização que cada um faz das sínteses dos outros membros".

Para Laing a "família" constitui uma modalidade de experiência que é matriz privilegiada de relação com o mundo externo e interno. A família enquanto grupo social - pai, mãe, irmãos, casa, cenários familiares - é permeada em todos os seus sulcos pela "família" - conjunto de recordações, memórias, sonhos, imagens, desejos, fantasias.

Luiz Meyer (17) indica a existência, em cada indivíduo, de uma parte diferenciada de sua personalidade que ele nomeia de "parte da familiaridade". Esta parte, segundo o autor, "desenvolve-se a partir da discriminação e identificação dos vínculos interpessoais que operam no interior da família. É uma realidade que se estabelece na vida psíquica através da internalização dos relacionamentos experimentados na família, relacionamentos coloridos pelas emoções, desejos e necessidades de cada um. Torna-se, a um só tempo, objeto interno que se relaciona com outros objetos enquanto elemento básico da identidade do indivíduo como um membro da família e estrutura organizadora das relações com os outros membros". Há, assim, uma parte da vida mental de cada um de nós que é incessantemente estimulada e ativada pela experiência do intercâmbio familiar. Mais do que isso, é forjada no interior desta experiência.

Esta "parte da familiaridade" está associada com uma mistura de sentimentos. Citando Meyer:

"Alguns deles (sentimentos) são bastante valorizados pelo indivíduo, mas podem ser somente experimentados em combinação com outros, frequentemente indesejáveis. Podem levá-lo (ao indivíduo) a identificar-se com alguns aspectos da "parte da familiaridade", idealizar outros, negar, cindir e projetar os mais indesejáveis. Quando o conjunto familiar torna-se uma presença na realidade psíquica, pode ser tratado como um provocador de ansiedade, como um corpo estranho que deve ser atacado e expelido, ou como o não esperado desconhecido que pede elaboração. No extremo, o indivíduo pode tentar cindir e isolar-se de toda sua "parte da familiaridade"."

Deste ponto de vista a família é uma rede de trocas entre as diferentes "partes de familiaridade" de seus membros. Ela tenderá a refletir a maneira como cada um pôde organizar no interior de si, e de acordo com suas necessidades e desejos, sua "parte da familiaridade". E deverá ser a expressão do que os membros da família podem ou não aceitar como sendo a sua família. E "para atingir um padrão de intercâmbio familiar, é requisitado que todas as diferentes "partes de familiaridade" funcionem com um certo grau de complementariedade recíproca".

Cada "parte de familiaridade" contribui assim para a construção contínua e dinâmica de uma fantasia familiar.

Através de diferentes abordagens psicanalíticas, vemos como o mundo interno é acionado no interior da família e constitui, para cada um, uma família fora e dentro de si. Para Freud, é a sexualidade que dá sentido ao romance familiar constituído. Laing e Meyer apontam para uma famí

lia interiorizada que é construída no interjogo entre os próprios sentimentos, impulsos, desejos e a família real.

A família constitui-se enquanto um território a partir da afetividade que circula das formas mais diversas, sendo os familiares suportes privilegiados de afetos vários. Desta maneira constitui-se, para cada um, como matriz de experiências - como um pequeno mundo onde se experimentarão os afetos depois invocados no contato com o grande mundo. A família da fantasia é protótipo da experiência com o social.

## CAPÍTULO II: A FANTASIA DA FAMÍLIA

O estudo psicanalítico da família recebeu grande contribuição das reflexões feitas, tanto pelos próprios psicanalistas quanto por estudiosos de outras áreas, sobre o funcionamento dos grupos em geral.

Bion, em seu trabalho com grupos (5), desenvolveu uma compreensão original do funcionamento grupal ao apontar para a existência, em cada grupo, de fantasias inconscientes que se manifestam através das diferentes formas de funcionamento do grupo. O grupo organiza-se de acordo com pressupostos básicos que são inconscientes.

Bion vê a manifestação individual no grupo como expressão da fantasia grupal: trata-se sempre de uma comunicação do grupo a exprimir uma teoria a respeito de si próprio. O individual funciona como porta-voz do grupal.

Ao mesmo tempo, é no funcionamento individual que Bion busca elementos para a compreensão do grupal. O que lhe permite fazer esta passagem do individual - e particularmente dos mecanismos psíquicos do bebê - para o estudo de grupos é a idéia de que, em ambos os casos tratam-se de operações que pretendem dar conta de um certo tipo de regulação emocional com o fim de permitir um equilíbrio homeostático do organismo, quer seja este um bebê ou um grupo. Assim, a observação da vida emocional do grupo, segundo ele, só pode ser compreendida em termos de mecanismos psicóticos - meios do bebê lidar com suas ansiedades iniciais.

A psicose serve de modelo para explicar o grupo porque nela trata-se de partes que, ao mesmo tempo que são tão cindidas, fragmentadas, têm que se haver umas com as outras. O mesmo ocorre no grupo, cujos elementos ao mesmo tempo que funcionam como unidades, têm que se haver com sua pertinência a um conjunto.

Nesta mesma linha de pensamento Elliot Jacques, utilizando-se de conceitos kleinianos derivados fundamentalmente do trabalho com crianças em psicanálise, funda as bases para pesquisas variadas sobre instituições sociais. Em seu artigo "Sistemas sociais como defesa contra ansiedade persecutória e depressiva" (10), o autor também aponta para correspondências entre fenômenos sociais e processos psicóticos. A nível emocional, as instituições teriam como função primordial a defesa contra ansiedades psicóticas. Todo um grupo organiza-se no sentido de reforçar as defesas individuais de seus membros, e é essa função desempenhada pela instituição fundamental para o atrelamento dos indivíduos a ela. Os indivíduos externalizam impulsos e objetos internos que ameaçam e podem gerar ansiedades intoleráveis, compartilhando-os com outros no interior da instituição. Os processos grupais são associados, assim, às mais primitivas formas de comportamento, e lançam mão de processos defensivos tais como projeção, introjeção e identificação. Através destes mecanismos, os objetos e impulsos "bons" são separados e preservados do contato com os "maus", e o grupo encarrega-se de localizar e fixar em diferentes entidades, pessoas, objetos, o que lhe é agradável e desagradável, o conveniente e o inconveniente. Ao invés do árduo trabalho inter

no e individual de elaboração de conflitos entre boas e más partes de cada um, o grupo ajuda os seus integrantes a livrarem-se de seus próprios incômodos. O objetivo fundamental destes mecanismos é a garantia - ou a esperança -, a nível da fantasia, de que os objetos e impulsos "maus" não re tornarão.

O resultado deste esforço, dependendo do grau de cisões e projeções efetuadas, pode significar a cristalização de certas estruturas defensivas e a perda da mobilidade de seus membros. Neste caso, o grupo fixa os "bons" e "maus" objetos e espera que eles assim permaneçam.

Esta teoria psicanalítica dos grupos, da qual procuramos expor algumas idéias, vem ao encontro do pensamento de antropólogos que estudaram sociedades ditas "primitivas".

Lévi-Strauss, em sua obra O pensamento selvagem (15), aponta para a ação reguladora das instituições cuja função é a de amortizar os antagonismos que se manifestam dentro do grupo ou entre grupos. A instituição é retomada na sua função defensiva e aplacadora. Lévi-Strauss cita Balandier, que descreve instituições cuja finalidade é, conforme seus próprios termos, "reagrupar" linhagens ameaçadas pela dispersão; "corrigir" seu esfacelamento; "lembrar" sua solidariedade; "estabelecer" uma comunicação com os ancestrais; "impedir" que os membros desunidos do clã se tornem estranhos uns aos outros; fornecer "um instrumento de proteção contra os conflitos"; "controlar" e "dominar" os antagonismos e os distúrbios, por meio de um ritual "minuciosamente regrado" que é "um fator de reforço das estruturas so-

ciais e políticas".

Cabe assim às instituições promover a adesão do grupo através de seu papel amortizador de conflitos individuais e grupais. Mas na medida em que protege dos conflitos, cristaliza e impede a mudança. Os grupos e as instituições sociais acabam por defender-se da história na medida em que esta signifique contradição e mudança.

Neste contexto Lévi-Strauss nomeia algumas sociedades como "frias" em oposição a outras "quentes". As primeiras buscam, através de suas instituições, anular de forma quase automática o efeito que os fatores históricos poderiam ter sobre seu equilíbrio e sua continuidade, enquanto que as outras interiorizam o movimento progressivo da história, para dele fazer o motor de seu desenvolvimento. Diz Lévi-Strauss:

"A finalidade das sociedades "frias" é fazer de forma a que a ordem de sucessão temporal influa o menos possível sobre o conteúdo de cada um. Sem dúvida, só o conseguem imperfeitamente; mas é a norma que se fixam. Estas sociedades querem ignorar a história e tornar tão permanentes quanto possível estados que consideram os "primeiros" de seu desenvolvimento." (15)

O movimento da história tem que ser assimilado a uma estrutura que deve permanecer constante. Regulações com tais finalidades se dão em alguns grupos, instituições e sociedades. Ao apontarmos aqui este movimento e esta regulação estrutural que se apresenta em cada uma destas entidades, chamamos atenção para sua resistência ao novo e aos movimentos cujo fim é o de evitar conflitos emergentes.

Tanto o modelo oferecido pela psicanálise - o da psicose - quanto o antropológico - as sociedades "frias" - apontam para formas de organização e de equilíbrio mental e social com fins comuns: a defesa contra conflitos que poderiam advir do contato com a ambivalência e a contradição.

A família é, enquanto instituição social, objeto privilegiado de observação e reflexão das idéias que abordamos.

Como dissemos anteriormente, trabalharemos aqui com a noção de uma estrutura familiar inconsciente que regula as relações familiares. Tais relações ganham seu significado desta estrutura, significado este que, o mais das vezes, não passa pela consciência de seus integrantes. O que o grupo familiar visaria, de acordo com a ótica proposta, é a perpetuação desta estrutura, arranjo defensivo e regulador dos conflitos individuais e grupais emergentes.

Ao adotarmos um modelo estrutural das relações familiares, o que se nos apresenta em aparência como um conjunto de indivíduos isolados converte-se em uma estrutura pela qual a emergência de um só elemento funciona como signo de todo o grupo.

Tal estrutura é a base a partir e sobre a qual o grupo refere-se a si próprio. As relações familiares - maneiras de agir, interagir, falar, escutar, sentar, arrumar a casa, contar histórias passadas, esperar o futuro, dar nomes (seria infundável a lista) - compõem a estrutura familiar inconsciente. Permeando todas as relações, os estados emocionais dos membros são partes também constituintes desta estrutura.

Há reciprocidade e interdependência entre a estrutura e os sujeitos, na medida em que estes a um só tempo formam e são formados por ela. Os sujeitos são elementos do conjunto a ganhar sentido na sua relação com os outros sujeitos. Se considerarmos a estrutura familiar, podem-se nos tornar compreensíveis relações aparentemente incompreensíveis, díspares e incoerentes se não consideradas em seu conjunto.

Isidoro Berenstein (4), psicanalista que trabalhou com famílias em diferentes contextos culturais, buscou em seu trabalho encontrar as regulações estruturais que se manifestam diferentemente em cada lugar, mas cujos modelos frequentemente coincidem. Em seu trabalho utiliza conceitos psicanalíticos ao mesmo tempo em que segue a linha de trabalho de Lévi-Strauss ao procurar a lógica estrutural que se expressa em cada família. Sua tentativa é a de detectar uma coerência interna a partir da qual operações e processos manifestam um caráter sistemático. Tal organização compõe o contexto particular a cada família, desde o qual esta relaciona-se consigo própria e com o exterior. É do interior deste contexto que a família interpreta o mundo, servindo-se e limitando-se pelos significados culturais e temporais advindos do contexto social e mais amplo do qual toma parte.

Berenstein salienta o caráter frequentemente inconsciente desta estruturação para os membros da família, ao indicar a extrema resistência manifesta pelo grupo a ser examinado e revelado por outros de fora dele. Colocá-lo em evidência, examiná-lo, refletir sobre ele parece estar associado a uma fantasia de destruição, de dissolução do grupo, perigo do qual tem que defender-se a estrutura familiar. Diz Berenstein:

"Muitas vezes, é mais importante para o grupo familiar confirmar a própria perspectiva do que verificá-la e confrontá-la para

recolher outros pontos de vista. Isto dá conta do precário equilíbrio que se mantém em cada família, frente ao qual há que se repudiar sinais de realidade".

Ao aproximarmo-nos da família a partir deste vértice, queremos evidenciar o uso de mecanismos de defesa de projeção e negação para poder lidar com ameaças de destruição com as quais se defronta o grupo.

Se através de tais mecanismos a família silencia e repudia de seu convívio partes da realidade interna e externa, o silenciado e o repudiado retornam para o interior da família com outras expressões: sintomas e inibições em um ou mais membros, mesmo a psicose em um pai ou um filho. Segundo Berenstein, a psicose contém em sua significação elementos tanto da história pessoal quanto da familiar, agora reordenados e atualizados. São elementos não reconhecidos e não incorporados pela família enquanto tal - enquanto elementos de sua história, de sua constituição. Ao invés, são cristalizados e novamente repudiados e silenciados no membro que adocece.

Quando do grupo familiar emerge um membro doente - um psicótico, uma criança com dificuldades em seu desenvolvimento -, este assume um novo papel: reorganiza as relações todas e transforma-se no porta-voz ou depositário de ansiedades grupais. Bell e Vogel comparam o membro da família depositário dos conflitos grupais ao sonho. Eles dizem: "Assim como o sonho condensa uma variedade de experiências passadas e atuais e de emoções, o bode expiatório condensa uma variedade de problemas sociais e psicológicos que se impõem à família". (2)

Vê-se aqui o fenômeno salientado por Bion em seu estudo de grupos. O doente, agora continente da doença do grupo é, no mais das vezes, segregado ou cristalizado enquanto tal. Seu sofrimento cumpre uma função dentro do grupo : função equilibradora, sem a qual o grupo pode ver-se ameaçado por ansiedades intoleráveis para seus membros.

Os mecanismos usados pela família para lidar com suas ansiedades - com os pavores que a assolam a partir de dentro - são correspondentes aos mencionados por Jacques (10) em sua abordagem psicanalítica das instituições sociais. São estas as formas de defesa mais primitivas, meios do bebê lidar com angústias de desintegração e de morte. O bebê, e também a família, tratam de eliminar fantásticamente os aspectos não desejados e ameaçadores de si próprio e depositá-los concretamente na realidade - no caso da família, muitas vezes, em algum de seus membros -, desta forma anulando a possibilidade de ter indicadores mais nítidos da diferença entre realidade interna e externa.

No interior da família coalisões, conluíus, arranjos variados podem formar-se para criar as condições, sem que os integrantes queiram ou saibam conscientemente, para concretizar uma fantasia sobre um deles que, por suas disposições infantis ou sua posição no grupo familiar, ou ainda pelo que recebe em troca, concretiza a fantasia grupal na realidade. Neste complexo interjogo é difícil determinar com precisão o papel de cada um e o de todos para resultar no que se expressa como aparência, ainda que plena de ocultamentos.

As relações familiares operam tanto no sentido de modificar e retificar quanto no de confirmar as ansiedades e fantasias de cada um. Os membros da família podem crescer juntos, ajudar-se mutuamente a crescer, ou podem repetir, ajudar-se mutuamente a repetir e projetar maciçamente no exterior a estrutura do mundo interno de cada um, convertendo os objetos externos em prolongamentos dos objetos internos e ofuscando assim a possibilidade de um encontro mais direto com a realidade. No último caso, a vida familiar pode ser geradora de uma confusão de limites entre o dentro e o fora familiar e interpessoal, entre o passado e o presente, entre o mundo da percepção e o mundo do significado.

As forças provenientes da ação da estrutura familiar inconsciente participam na significação da história das relações familiares, ao organizar tanto as relações atuais como as recordadas e relatadas como histórias. Assim é que, a partir de sua estrutura inconsciente, toda família constrói uma mitologia que contém elementos conscientes e inconscientes - uma mitologia sobre o seu passado, o seu presente, sobre cada um de seus membros vivos e mortos. Estes mitos mantêm a família em um determinado equilíbrio. Como todo mito, contém um núcleo forte que limita a mudança e o devir de novas perspectivas, tornando-se assim atemporais.

De acordo com Ferreira (6), podemos dizer que os relatos do grupo familiar são do tipo mítico na medida em que permanecem fixados na recordação para resolver contradições do grupo, contradições estas que se expressam através de um relato manifesto que tende a repetir-se estereotipadamente. Como todo mito, o relato familiar contém em sua es

estrutura elementos de realidade reordenados para dar coerência a termos cuja contradição os faz parecer opostos sem saída. A função do mito é, assim, a de atuar como um terceiro termo mediador entre os termos contraditórios insolúveis de uma estrutura inconsciente.

O conceito de mito familiar refere-se assim a um conjunto de crenças organizadas de acordo com as quais os membros da família determinam mutuamente seus papéis e regem suas relações. Estes mitos familiares contêm muitas das regras secretas das relações - regras que se mantêm ocultas, submersas na trivialidade dos clichês e nas rotinas do grupo.

É no interior desta mitologia que os mecanismos de defesa utilizados ganham significação, outorgando aos membros um determinado vértice singular de percepção.

Embora a família ofereça interpretações da realidade que estão primordialmente a serviço de manter o equilíbrio mental de seus membros, o custo destas operações é, muitas vezes, a limitação da própria capacidade de perceber, refletir, relacionar-se, e a vasta utilização de rígidas pré-concepções acerca de como as coisas são e devem ser. A leitura dos fatos é constantemente alterada para afirmar determinadas necessidades.

O mito familiar tende a formar parte da imagem interna da família e exprime a forma em que ela é percebida por seus membros, desde dentro. É parte integrante de sua realidade, como forma em que o mundo se lhes apresenta em descrição e experiência e como forma em que as coisas devem

ser entendidas e consideradas. Em um mito familiar as ques  
tões de fato e de opinião são uma e a mesma coisa.

Vale salientar que somente no seu extremo o mito familiar dá as costas à realidade. Fundamentalmente trata-se de um movimento de organização segundo uma orientação estrutural a ser mantida.

Através do mito a estrutura familiar atravessa os tempos e repete-se, a cada vez, na atualidade, influenciando os modos de ser e pensar de cada membro. Segundo Berens  
tein, também o modo de adoecer.

O mito familiar é expressão privilegiada da fanta  
sia familiar. Através dele podemos conceber as maneiras pe  
las quais a família organiza-se para dar conta de suas an  
siedades - como compõem relatos coletivos que são a um sõ  
tempo expressões de seus medos e das formas para lidar com eles.

### CAPÍTULO III: O LUTO FAMILIAR

As famílias escolhidas para nosso estudo aqui com parecem na qualidade de grupos que sofreram, em sua história de vida, a presença da perda de algum de seus membros, seja através de morte, separação ou afastamento. Nosso in tuito é o de aproximarmo-nos das operações fundantes do in terjogo familiar que outorgam uma significação própria à vi vência de luto.

Cabe ressaltar que, por luto, entenderemos aqui não apenas a reação diante da morte, mas frente a toda for ma de perda. Nossa ênfase recairá na forma de elaboração e não no tipo de perda.

O luto - ou sua impossibilidade - é situação pri vilegiada de estudo do entrelaçamento entre o mundo inter no e a estrutura familiar. O trabalho de elaboração do luto mobiliza toda a dinâmica de projeções e introjeções de obje tos estabelecida até o advento da perda, tanto ao nível in terno de cada membro, quanto em toda a extensão do grupo familiar. Na perda de um elemento, toda a estrutura tem que se rear ranjar. É por isso que, através do impacto da perda, cria -se uma situação privilegiada para observarmos a maleabilidade da estrutura familiar e sua possibilidade de reorganizar -se em uma nova realidade.

Em seu artigo de 1915 "Luto e Melancolia" (7) , Freud aponta para as diferenças entre duas formas fundamen tais de reação à perda.

A primeira delas ele caracteriza como luto. Este, enquanto reação à perda de um ser querido, envolve um período de grande afastamento de uma atitude mais frequente para com a vida. A pessoa enlutada vive um estado de espírito penoso e a perda de interesse, por um período variavelmente longo, pelo mundo externo. Liga-se ao mundo apenas na medida em que ele é evocador do que se perdeu. Durante este período, perde a capacidade de adotar um novo objeto de amor. . Diz Freud:

"Essa inibição e circunscrição do ego é expressão de uma exclusiva devoção ao luto, devoção que nada deixa a outros propósitos ou a outros interesses".

Durante o tempo do luto o objeto perdido está presente, e isso através das lembranças e evocações que pouco a pouco e uma a uma vão sendo desinvestidas. Há uma aceitação progressiva da realidade da perda e a exigência de que a pessoa retire progressivamente suas ligações com o objeto perdido. Ao final deste tempo, a pessoa pode estar livre para outras relações, e o objeto perdido está conservado internamente como lembrança, como presença que não impede o sujeito de viver e estabelecer novos vínculos.

Outra forma de reação à perda é, para Freud, a melancolia. Aí estão presentes, como no luto, o desânimo penoso, a perda de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar e a inibição de toda e qualquer atividade. Mas o melancólico apresenta uma característica particular, ausente no luto: a perda de sua auto-estima e um profundo empobrecimento de seu ego.

No luto, diz Freud, é o mundo que se torna pobre e vazio. Na melancolia, é o próprio ego. O ego do melancólico apresenta-se como desprovido de valor e incapaz de realização. O melancólico, em geral, repreende-se, faz de si um mau juízo, apresenta-se desprezível. Freud traz uma grande contribuição ao conhecimento dos mecanismos psíquicos presentes na melancolia ao afirmar que tais recriminações, no entanto, não são dirigidas ao próprio sujeito, mas ao objeto amado e perdido, e que foram deslocadas deste para o sujeito.

Tal é o processo melancólico: o sujeito fez, num dado momento, uma escolha objetal, estabelecendo uma ligação com um objeto particular. Devido à perda, desapontamento ou desconsideração da pessoa amada, a relação objetal foi destruída. O sujeito, ao invés de viver o processo normal de luto e poder estar disponível para outras ligações, retira-se para dentro de si mesmo. Aí, no interior de si, estabelece uma identificação com o objeto perdido. O ego é então julgado a partir da soma dos afetos concernentes ao desapontamento e aos sentimentos outrora dirigidos ao objeto amado, resultando numa vivência ambivalente de afetos. Freud afirma que "a sombra do objeto cai sobre o ego". A perda do objeto converte-se, para o melancólico, em deterioração de seu próprio ego, e ao identificar-se com o objeto perdido, o melancólico não renuncia a ele.

Freud aponta como pré-condição fundamental da melancolia uma relação ambivalente com o objeto. Isto quer dizer que a relação com o objeto foi de tal maneira tingida por sentimentos amorosos e hostis que, ao introjetar o objeto perdido para dentro de si, o sujeito dirige a ele toda esta

gama de sentimentos: ama e ataca o objeto agora constituinte de si mesmo. O amor e o ódio pelo objeto tornam-se identificação com ele, auto-degradação e auto-mutilação.

Poder elaborar o luto por um ser querido requer, portanto, uma relação suficientemente boa entre o sujeito e o objeto. A pessoa enlutada pode, pouco a pouco, restabelecer os bons aspectos da relação. Pode também lidar com a culpa sempre suscitada pela perda e trabalhar no sentido de uma reconstrução reparadora de suas relações com os objetos internos e externos.

De outra forma, e esse é o percurso do melancólico, precisa negar a perda. O sujeito organiza-se no sentido de evitar a percepção do que falta e utiliza-se de instrumentos que lhe assegurem que não há espaço no qual tenha que se haver com a questão da perda.

Melanie Klein, em seu artigo "O luto e sua relação com os estados maníaco-depressivos" (12), aprofunda o exame dos mecanismos presentes no luto e na melancolia ao apontar para a estreita conexão existente entre o trabalho de luto e os processos mentais mais recuados. Para ela, o sujeito de luto revive uma situação que já teve que atravessar quando da época do desmame. Ali, o objeto perdido fora o seio e tudo o que este representava na mente da criança: objeto nutridor, fonte de alimento, bondade e gratificação. Se pôde atravessar este momento crucial de sua vida, renunciando ao seio e mantendo viva dentro de si uma boa relação com este, protótipo de uma boa relação com toda gente que o cerca, o sujeito terá mais recursos para superar as sucessivas perdas em

sua vida. Assim, a relação com o seio também promove a possibilidade de experimentar a separação e a perda. Se a criança não teve a possibilidade, quer por dificuldades próprias - como por exemplo por uma vivência de hostilidade ou culpa excessivas -, quer porque não pôde ser ajudada pelas pessoas ao seu redor a ultrapassar o período de desmame, estarão criadas as condições para que, no futuro, as vivências de perda sejam mais penosas. Esta vinculação do luto a processos mentais recuados pode explicar as diferentes formas de reação à perda - luto normal ou melancolia - descritas por Freud.

Segundo Klein, no luto normal o sujeito reinstala dentro de si o objeto de amor perdido juntamente com seus primeiros objetos amados - em especial o seio - que na ocorrência da perda também estiveram ameaçados de se perderem. Todo o mundo interno corre o risco de desintegração e precisa novamente ser restabelecido durante o trabalho de luto.

Gostaríamos de sugerir que os processos acima descritos - expressões individuais de reação à perda - podem ser observados no interior de grupos e, em particular, de famílias.

A família, frente à falta de um de seus membros, e frente à desestruturação gerada pela perda, vive um processo que pode resultar num trabalho de luto normal, sadio, ou pode enveredar por uma via patológica.

No primeiro caso, todo o grupo pode ajudar-se mutuamente a encarar a realidade da perda. Pode atravessar a

depressão, o desolamento, a vivência de abandono que resulta do objeto perdido. Os membros da família podem compartilhar internamente a culpa suscitada pelo grande dano ocorrido. O membro perdido é relembrado, e a família trata de proteger suas lembranças e sua memória. Findo o processo de luto, a família pode renovar seus vínculos com a vida e estabelecer novas ligações com o mundo exterior. O objeto perdido é reconhecido como perdido e todos, em conjunto, permitem a sua partida. Assim como o sujeito enlutado reconstrói seu mundo interno ameaçado pela perda, a família que pode viver o luto tem a possibilidade de reconstruir-se internamente.

Para outras famílias este processo é obstaculizado. A perda de um ente querido torna-se tão insuportável que é preciso defender-se da percepção deste acontecimento. Estas famílias não podem nem enlutar-se nem deprimir-se. Cumpre organizar-se no sentido de ocultar a falta do objeto. Nestes casos, semelhantemente ao processo do melancólico, ao invés de renunciar ao ser perdido, este volta a instalar-se de modo particular no interior da família. Em geral, aspectos do objeto perdido e da relação com ele manifestam-se, dependendo das disponibilidades individuais, em alguns dos membros vivos ou nas relações estabelecidas no interior do grupo. Aqui, diferentemente do luto, o resultado é a não abertura para o estabelecimento de relações de qualidade nova com novos objetos. Trata-se de recuperar o mesmo objeto, a mesma relação, de forma a que nada seja perdido. Neste processo todos os elementos da família estão comprometidos de alguma forma. O pacto feito é para que não se apropriem ou se dêem conta da ausência do objeto. Compartilham da mesma ilusão de

que nada, de fato, se foi. Neste sentido, a família captura a atividade mental dos indivíduos e demanda percepções limitadas por parte de cada um de seus membros.

O mecanismo que permite à família aderir ao objeto perdido é o de identificação projetiva. De acordo com Rosenfeld (19), "o termo "identificação projetiva" refere-se a um processo de clivagem do ego primitivo no qual tanto as partes boas como as más do self são separadas do ego e, num passo seguinte, projetadas com amor ou ódio nos objetos externos, o que conduz à fusão e identificação das partes projetadas do self com os objetos externos".

Através deste mecanismo o sujeito mistura-se ao objeto, ofuscando a possibilidade de estabelecer uma separação e acarretando a impossibilidade de um desenvolvimento mais desimpedido. O objeto - no caso da família os seus diferentes membros - não pode ser percebido como uma pessoa separada e diferente, mas sim como extensão e depositário de aspectos bons e maus que circulam no interior da família. O sujeito força-se onipotentemente sobre o objeto, o que leva à fusão e confusão entre os diferentes familiares. Tal processo pode levar à confusão entre a realidade e a fantasia, na medida em que se perde a capacidade de discriminar e que partes de cada um são confundidas com os outros.

Os laços familiares são permeados por identificações: uma complexa rede de projeções de qualidades e sentimentos de cada um resulta na identificação de cada membro da família como portador de certas características - e não outras. Isto se dá para uma infinidade de aspectos da vida emo

cional. Em nosso trabalho procuramos ilustrar tais movimen  
tos especificamente em torno da vivência de perda na famí  
lia.

Assim, pode ocorrer de um membro da família, ou  
uma relação, virem a ser identificados ao objeto perdido, pon  
do em risco seu desenvolvimento, já que, ao assumir as carac  
terísticas do objeto perdido, fica comprometido com este. Na  
medida em que um membro passa a ser tratado com a ambivalên  
cia de sentimentos outrora dirigidos ao objeto perdido, o  
morto continua vivo de forma cristalizada na família. É o  
que veremos em nossas famílias.

#### CAPÍTULO IV: MÉTODO - ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O MATERIAL UTILIZADO

Nossa atenção recairá aqui sobre a produção de crianças e o discurso de seus pais - estes são nosso objeto de investigação. Não se trata, portanto, de uma investigação na ou da família ou mesmo da criança, mas sim da família tal qual ela aparece no material à nossa disposição.

Os psicodiagnósticos aqui utilizados tiveram originalmente a função de detectar a dinâmica psicológica da criança em seus aspectos intelectuais e afetivos. Agora, segundo nossa hipótese, buscaremos ver em que medida podem revelar indícios de uma dinâmica familiar que se expressaria através da produção das crianças.

Assim como o sintoma da criança pode ser expressão de conflitos não apenas seus, mas de outros membros da família, veremos em que medida o psicodiagnóstico infantil pode trazer expressões de tais conflitos.

Maud Mannoni (16), psicanalista francesa que trabalhou com crianças psicóticas, entende que o lugar privilegiado de compreensão do sintoma da criança é a conflitiva dos pais. Ela enfatiza o fato de que, em torno do sintoma apresentado pela criança, constitui-se um discurso coletivo que a engloba juntamente com seus pais. A criança psicótica, segundo sua visão, não pode ser sujeito de seu próprio desejo porque um dos pais, ou ambos, não puderam apropriar-se, por sua vez, de seu desejo, devido à não elaboração de sua conflitiva edípica com seus respectivos pais. Partindo de tais

pressupostos é que a autora privilegia o trabalho com os pais e, na medida em que estes podem elaborar seus conflitos, a criança é liberada para poder ser sujeito de seu próprio desejo. O sintoma da criança vem no lugar da palavra dos adultos. Assim, seu método de trabalho inclui a leitura, no sintoma da criança, da conflitiva familiar. É, neste sentido, próximo ao que propomos aqui, quando buscamos nas entrevistas, desenhos e histórias das crianças a vida de fantasia da família.

O processo psicodiagnóstico contém vários elementos, faz uso de diferentes recursos. Para nossos fins selecionamos alguns deles: entrevistas com um ou ambos os pais, entrevistas com as crianças, desenhos e histórias. Apesar de serem estas técnicas diferentes, cada uma com seu instrumental próprio, nossa análise do conjunto do material tem um denominador comum: para sua análise e reflexão utilizamo-nos de conceitos advindos da psicanálise.

A contribuição fundamental da psicanálise para a compreensão do material é a noção de que a fala do sujeito, o desenho, a história, são elementos manifestos de um conteúdo latente. Buscamos no material o que lhe é inconsciente, esperando assim dar um sentido ao manifesto, sentido este que escapa à consciência do sujeito.

Abordar um material psicanaliticamente significa aproximar-se dele em busca de algumas categorias básicas: as fantasias, ansiedades, defesas e relações de objeto de uma estrutura inconsciente que ganha expressão através do material e que, ao mesmo tempo, lhe dá sentido.

Particularmente uma destas categorias, a fantasia,

deve ser alvo de uma atenção especial nossa. Isso porque estamos em busca das fantasias presentes na expressão de diferentes membros da família.

Susan Isaacs (9), cuja definição adotamos aqui, entende por fantasia os conteúdos primários dos processos mentais inconscientes. São fantasias todos os representantes mentais dos impulsos, sentimentos, defesas e ansiedades - são as formas privilegiadas através das quais a pulsão apresenta-se psiquicamente. A fantasia dá aos sentimentos e impulsos uma vida mental.

A vida de fantasia está intimamente associada aos estágios de desenvolvimento psicosexual - ela é a expressão deste desenvolvimento. Assim, no bebê, inicialmente, as fantasias estão intimamente ligadas às suas vivências corporais.

No entanto, a fantasia não é expressão exclusiva da vida pulsional. Ela expressa a interação entre os eventos do mundo ao redor da criança e seus desejos e impulsos, promovendo um encontro da realidade psíquica com o conhecimento do mundo externo. A criança expressa o mundo através de um recorte particular feito com base em sua vida pulsional.

A família apresenta à criança um determinado conhecimento do mundo. Mais do que isso, toda uma vida de fantasia, resultado do atrito e fusão das vidas pulsionais de seus membros. A criança, por sua vez, é chamada a participar desta vida de fantasia com seus desejos, sentimentos e ansiedades. Retraduz para si, e de acordo com seu momento

de vida, as fantasias da família, a cultura do grupo. São estas fantasias que procuraremos entrever nas entrevistas, nos desenhos e histórias, sob este duplo vértice da vida de fantasia familiar e da vida pulsional da criança.

No caso das entrevistas, a busca de uma compreensão psicanalítica já se faz presente na maneira como são conduzidas: são entrevistas semi-dirigidas, que se passam em um campo organizado de acordo com as variáveis do entrevistado. O que buscamos é a fala do sujeito, o que ele privilegia para nos contar. Não se trata, assim, de um inquérito padronizado. Nos interessa ouvir a sua história e sua maneira particular de organizá-la. Ainda assim, em uma entrevista diagnóstica abordamos algumas áreas de vida que nos interessam para conhecer os sujeitos: vida familiar, vida escolar, desenvolvimento psicomotor, são alguns dos itens abordados. Mas estes elementos ganham sentido a partir das hipóteses que vamos elaborando ao longo da entrevista.

No caso particular das entrevistas com pais aqui relatadas, nós as tomamos tanto como material através do qual expressam-se fantasias familiares como pano de fundo da produção da criança, através do qual entramos em contato com o relato da perda na família.

O uso do desenho baseia-se no fato de que ele é uma forma de expressão comum à criança e muitas vezes substitui a linguagem verbal no diagnóstico e tratamento de crianças. O desenho é a um só tempo forma de expressão da capacidade simbólica e via de acesso às fantasias da criança. Através dele a criança pode reproduzir, à sua maneira, toda uma série de significantes, e mostrar os significados com os

quais os reveste: a pessoa, a casa, a família. Cada um deles fornece elementos específicos de conteúdos diferentes e expressa as imagens internas da criança a respeito de si própria e dos outros.

Outro instrumento diagnóstico do qual faremos uso é o CAT - Child Aperception Test. Este é um conjunto de dez pranchas com cenas de personagens animais em situações humanas, aplicável a crianças de 3 a 10 anos. Pede-se à criança que, a cada uma das pranchas, conte uma história. Através das histórias relatadas, observamos a relação da criança com as cenas apresentadas, o tipo de interação entre os personagens que ela compõe e que relações são tematizadas. (Em anexo estão as pranchas do CAT).

O objetivo do teste é facilitar a compreensão da dinâmica interna da criança em suas relações com figuras importantes de seu mundo. As pranchas exploram, por exemplo, a questão da alimentação, a rivalidade entre irmãos, relação com os pais e dos pais entre si, o modo da criança lidar com agressividade, medo, etc.

O pressuposto do teste é o de que a criança faz, na história que conta, uma interpretação dinamicamente significativa do que vê. São suas fantasias que acrescentam significações, detalhes e situações ausentes nas figuras.

O objetivo da avaliação diagnóstica, tal como a conduzimos, é o de criar condições nas quais seja possível o acesso aos modos de operar da vida de fantasia da criança. De acordo com a hipótese que organiza nosso trabalho, esta avaliação ganhará seu sentido pleno quando acompanhada da com

preensão do lugar ocupado pela criança na vida de fantasia da família.

Examinaremos o material à nossa disposição a partir do vértice da fantasia familiar - e queremos deixar claro que este não é um vértice exclusivo de análise. Trata-se apenas de uma possibilidade de leitura que, ao nosso ver, enriquece a compreensão da verdade.

O modo de processar os estudos de caso das crianças foi diverso em cada um dos casos, o que poderia por em questão nossas conclusões. Porém, a nosso favor devemos dizer que não foi de nosso interesse relacionar a eficácia de cada teste ao objeto de nosso estudo. Nosso objetivo, ao utilizarmos-nos de diversos métodos, foi o de aproximarmos-nos do modo de cada criança e de sua família lidarem com a perda e podermos assim estabelecer hipóteses que dêem conta dos diferentes funcionamentos grupais. De Rita temos sua entrevista, desenhos acompanhados de histórias e a entrevista de sua mãe; de Francisco temos as entrevistas com seu pai e sua mãe, um desenho também acompanhado de história e o CAT; dos irmãos Álvaro e Lucas dispomos da entrevista com sua mãe e os respectivos CATs. De todos temos em comum, e é este o dado nuclear de nosso trabalho, o fato de serem crianças envolvidas em situações familiares de perda.

## CAPÍTULO V: ESTUDOS DE CASOS

## 1. Rita ou a menina da estrela preta

Rita tem 10 anos. É uma menina bastante magra e alta, e se veste como uma mocinha: florzinhas, babados e enfeites colorem a sua apresentação. Vai entrando na sala e a mãe a segura, pondo-se na frente.

"O problema com Rita", vai dizendo a mãe, "é que o corpo esquenta e esfria. Às vezes esquenta que parece febre e depois fica frio." Ela procurou o médico do Centro de Saúde e foi encaminhada para a psicóloga por ele.

A mãe continua: "Rita tem problema na cabeça, não consegue estudar. E, à noite, fica rindo à toa."

A menina está na 1ª série e repetiu o ano passado. A mãe comenta que ela mesma estava doente e que a menina precisou cuidar da casa e lavar a roupa.

A mãe tem e já teve muitas doenças. Acabou de ser operada e está na Caixa há três meses. Já foi operada muitas vezes: da vista, da garganta... Quando do parto de Rita sofreu quatro operações: "ovário inflamado", "penus", "cris<sub>to</sub>".

O parto do primeiro filho também foi difícil. Diz que o menino vai fazer catorze anos e "é morto, nasceu morto". Rita nesta hora corrige a mãe, dizendo que ele vai fazer doze anos. A mãe briga: "Deixa eu falar!" e depois: "Fique nervosa não, querida!"

O pai trabalha à noite, é vigia. Durante a manhã ele dorme e à tarde estuda. A mãe não sabe o quê.

A mãe continua contando: "Quando Rita tá boa, faz as lições da escola. Desse tamanhinho já faz muitas coisas. Faz comida, lava roupa e faz compras prá vizinha."

Faz uma semana que Rita mudou de escola. Antes demorava duas horas prá ir, a escola era muito longe. Esta nova escola é pertinho. Saiu também da outra escola porque deu um problema, uma menina mandou os meninos baterem em Rita. Esta menina tem catorze anos e ambas, mãe e Rita, ficam falando mal dela. A mãe diz: "Ela te deixou doente." Rita fala então de outra menina que mandou os meninos levantarem sua saia. A mãe conta que os meninos vivem perseguindo Rita com facas. À certa altura a mãe comenta: "Minha filha é torta, fala errado."

A mãe volta a falar de suas próprias doenças. Conta que tinha problema de nervoso, ficava roxa. Já foi internada em "hospital de louco" há onze anos, durante três dias. Estava no Paraná trabalhando na roça e de repente começou a bater enxada e chorar. O administrador a "engabelou" e chamou escondido um carro para levá-la. Diz que apanhou no Hospital.

"Minha filha me puxou. Tem revolta de cabeça. Treme, grita, quer bater em mim, chora. Isso ocorre na passagem da lua. Rita é de escorpião. Isso começou recentemente. Quando ela tinha cinco, seis anos era mais comodada". A mãe diz também que o estudo e a professora puxam muito, "isso dá

problema na cabeça."

Moravam numa fazenda no interior e vieram para São Paulo em 1980. A mãe não gosta daqui, quando chegou já foi assaltada. Veio para visitar os irmãos e acabou ficando por que eles falaram que São Paulo era melhor.

Já no final da entrevista a mãe diz: "Quando não é ela, é eu. Um homem falou que eu recebo coisa em casa, e quando não é eu, é ela. Mas eu não acredito nisso."

Na saída a mãe dá uma piscada para a psicóloga, querendo comunicar alguma coisa que Rita não podia ouvir.

No encontro seguinte Rita vem sozinha. Nem olha para a caixa de brinquedos que lhe é apresentada. Quer conversar. Conta que veio buscar o resultado dos exames que fez. "Deu problema no exame de sangue e de fezes", diz.

Conta que a mãe está com dor na perna. "É frescura dela, ela diz que tá com dor na perna só prá não pegar o ônibus."

Conta também que ela mesma está com "boboinha" na cabeça e na pele.

Diz que no fim de semana suas primas vieram e quebraram o pé da cômoda de sua casa. A mãe ficou nervosa e o pai arrumou.

Hoje levantou às cinco horas para ficar na fila do resultado do exame. "Eu era a terceira mas minha mãe deixou outros passarem na frente".

Rita fala muito, sem parar.

Fala daquela menina de catorze anos que mandou os meninos lhe baterem. Diz que não gosta dela mas que sua mãe gosta. "Ela tá me devendo um dinheiro. Ela vem me visitar hoje. Vamos brincar, acho que ela vai trazer um ioiô prá mim". Conta que quando sua mãe estava no hospital, essa amiga foi duas vezes visitá-la. "O médico deixou ela entrar porque tem mais de doze anos". Rita não pôde visitar a mãe.

Diz que uma vez "meteu o cipô" nesta menina. E que "as contas difíceis ela ensinava eu". Diz também que esta menina mandava as crianças "arribar" sua saia e beijava os me ni no s.  
ninos.

Na outra escola também a comida era ruim e um ja po nês l h e b a t e u. "Fiquei assustada". Diz que não gosta da es co la po r q ue a prof ess o ra d ã co is a d if f í c i l.  
cola porque a professora dá coisa difícil.

Nesta hora ela olha para a psicóloga e diz: "Te-  
nho uma estrela (um broche) como a sua, mas a minha é preta".

Conta então que a vizinha estragou o telhado de sua casa. Sua mãe jogou três mixiricas nela e ela jogou um ma o.  
mão. A vizinha disse que a mãe não trabalha, é vagabunda. Ri ta a g o r a ag o r a te m q ue te le fo na r pr o "d a n o " para consertarem. A mãe pediu para ela ligar. Mostra o cartão com o número do tele fo ne e d iz q ue n ã o t ã co n s e g u i n d o l i g a r. Só dá ocupado.

Outra vez Rita vem e a psicóloga lhe pede que de se nh e.  
senhe. Pede que desenhe uma família qualquer.

Depois de fazer o desenho, ela começa a pintar

em série: laranja da anjinha, da mãe, do pai. Depois azul da anjinha, da mãe, do pai. Sobre o desenho ela conta:

"Eles estão no céu, de asas abertas, rezando. São anjos da guarda. O melhor é o pai, porque é o mais grande, mais velho, em toda igreja está escrito o nome dele. A anjinha fica sempre com raiva porque não gosta de rezar, ela só quer brincar. A mãe tá contente porque ela e o anjo estão rezando, porque eles vivem lá no céu e gostam. A anjinha não gosta de viver no céu porque lá é fechado, preso, não entra vento nem nada. Eles rezam prá cuidar das pessoas. A anjinha queria morar na Terra porque lá tem casa, gente boa, carro prá passear, apartamento prá morar, hospital prá quando fica doente".

No final da sessão Rita conta que hoje é seu aniversário. Diz que a mãe não deixou contar prá ninguém. Não vai ter festa, mas a mãe comprou guaraná.

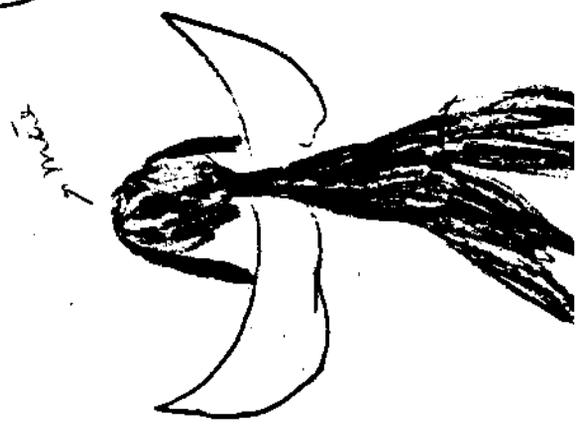
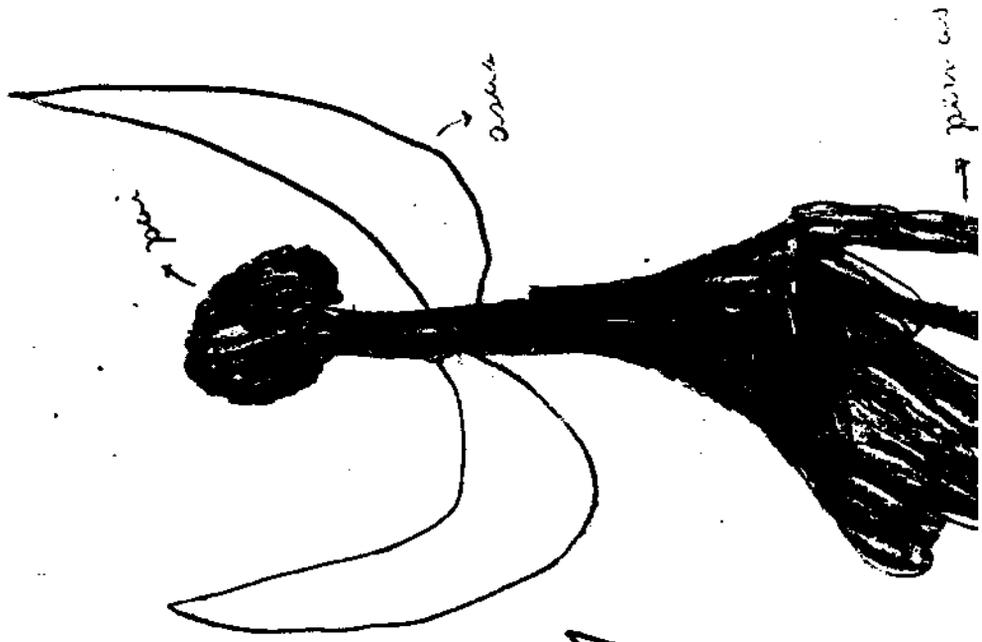
Outro dia Rita vem e faz um desenho livre. Diz que desenhôu ela e seu irmão balançando na árvore. Conta que tem um irmão, mas ele é morto. Ele nasceu em 1970 e ela em 1972. "Ele tá com doze anos."

Conta alegremente que onde mora agora tem um quintal grande prá brincar e tem árvore com balanço. Sobre o desenho, conta:

"É uma árvore bem verde. Meu pai pegou e amarrou balanço prá mim e pro meu irmão balançar. A gente balançava prá lá e prá cá. Tinha grama bem verde no chão. A gente tava parado descansando. Balançava que chegava a sair fora

da árvore. A árvore até quebrou e eu caí no chão de tanto balançar. O balanço era pregado numa tábua prá sentar e não cair. Era amarrado com corda. Eu tava com macacão amarelo e meu irmão com macacão laranja. Um balão queimou a árvore tão linda. Depois o balanço queimou também. Aí meu pai pegou e comprou outro balanço e pôs na outra árvore. Veio outro balão e acabou com a outra árvore. Pai comprou outro balanço, outro balão queimou. Não tinha mais dinheiro e pôs balanço dentro de casa. Veio um balão e acabou com nossa casa. Depois fomos morar em outra casa e depois caiu a árvore e derrubou o telhado. Aí tivemos que dormir embaixo da árvore. Outra árvore caiu e machucou eu. Meu pai me levou ao médico, depois sarei. O pai arrancou todas as árvores porque os balões iam queimar. Aí a gente foi embora prá São Paulo."

25/06/82  
- *Chloroquercus*



petiole cut

my entry  
2/21/72



→ put

→ wire frame

## COMENTÁRIOS:

Rita parece vir desejosa para a primeira consulta. Vem arrumada, florida, e vai entrando. Este é um movimento seu para o encontro, movimento que é logo barrado pela mãe, que se põe na frente.

Entendemos esta cena inicial como a expressão de um conflito representado por Rita e sua mãe: conflito entre o desejo e sua interdição, entre o movimento e a resistência a ele.

Em seguida, mãe e filha na sala, a mãe apresenta a filha: um corpo que esquenta e esfria, numa representação agora corporal do conflito antes expresso na cena de entrada, quando a excitação de Rita por entrar é "esfriada" pela mãe.

A menina "tem problema na cabeça, não consegue estudar, à noite ri à toa." Está indicada a paciente: Rita é doente, incapaz, burra. A menina é louca.

Em seguida a mãe apresenta-se: é doente e sente-se culpada pelo fracasso da filha. Sua história é atravessada por operações e intenações. No corpo da mãe estão inscritos os cortes da doença.

Parece haver um objeto extremamente danificado que é compartilhado por mãe e filha: história familiar que se repete, herança emocional da mãe para a filha: "minha filha me puxou." A mãe parece sentir que de dentro de seu corpo maltratado, cortado e doente, só podem nascer seres muito danifi

ficados - o filho natimorto, a filha comprometida.

O pai é apresentado como ausente da vida familiar e esteve ausente das consultas à Saúde Mental, ainda que tenha lhe sido pedido o comparecimento - norma geral no atendimento a crianças neste Centro de Saúde. Ele trabalha à noite, dorme de manhã, estuda à tarde. A mãe não saber o que o pai estuda dá idéia da dimensão da distância entre os dois.

Ao falar do primeiro filho que "ele vai fazer 14 anos e é morto, nasceu morto", a mãe sugere que sabe e não sabe que seu filho morreu. Ao corrigir a idade do menino, Rita pactua com a mãe do mesmo conflito. Este menino, membro desta família, morreu mas continua vivo entre eles.

Ao mesmo tempo em que negam a morte do menino, vemos que Rita e sua mãe se vêm às voltas com a questão da morte todo o tempo: o tema constante das doenças, operações, um corpo que esquenta e esfria, parecem ser contínuas e renovadas expressões desta questão. O pai ausente, membro da família que nunca está, é uma reedição do mesmo tema. Para negarem a morte do menino parece que todos precisam estar mortos. Se estiverem vivos, em relação, terão que entrar em contato, lembrarem-se mutuamente daquele que não está mais entre eles. Esta família vive numa espécie de limiar entre a vida e a morte.

Na segunda consulta Rita vem sozinha e lhe é oferecida a possibilidade de fazer livre uso dos materiais da caixa de brinquedos. Mas Rita não pesquisa o novo que lhe é oferecido. Ao invés, repete o discurso da mãe: doenças, exames, dores no seu corpo e no corpo da mãe.

Ginette Raimbault, em seu livro "A criança e a morte" diz, a respeito de uma criança acometida de uma doença fatal: "A criança ficou sendo, ao mesmo tempo, um órgão em continuidade de com o corpo materno e um sujeito infans em continuidade quase total com o discurso inconsciente materno". (18) Parece-nos ser este o modelo de relação entre Rita e sua mãe.

No discurso de ambas há perseguidores externos à família que chegam para quebrar as coisas da casa, maltratar e xingar. Rita está perseguida pelos males que lhe afligem a partir de dentro e de fora da família. Sua estrela é preta.

O pedido que sua mãe lhe faz é o de que ela possa consertar esta casa-família quebrada interna e externamente. Mas a menina, enredada nesta vida de fantasia familiar, também não pode estabelecer as ligações com a vida necessárias para restaurar a si e a seus pais.

Quando Rita desenha a família - e opta por uma família de anjos no céu - parece expressar a mesma fantasia familiar de resolução de conflito: para manter a idéia de que o menino não morreu, para poderem reencontrar-se e reconstituírem-se como uma família completa, todos têm que estar mortos, virar anjos no céu. Encontramos assim o menino morto-vivo do discurso da mãe no desenho da menina. Rita está incumbida de dar uma solução para o conflito da família: como negar a perda do irmão morto? Todos mortos - anjos no céu - é a única forma possível de reconstituírem-se como uma família.

Em seu desenho livre, a nosso ver, Rita comunica suas fantasias a respeito da morte do irmão: menina e meni

no balançando-se - possível alusão a fantasias sexuais - e um desastre ocorre. A árvore queima. Rita elabora a morte do irmão de acordo com suas próprias fantasias sexuais: são seus desejos sexuais, coloridos por elementos destrutivos - o fogo que queima - que mataram o irmão. Sua teoria sobre a morte remete à idéia de que a atividade sexual acabou por matar o menino.

Esta família deve ter a fantasia da atividade sexual como destrutiva. A mãe foi operada de "ovário inflamado", "penus", "cristo". Embora não saibamos exatamente do que se trata, são claras as alusões a órgãos sexuais. O pai ausente sugere um contato restrito com a mãe e a dificuldade de terem uma vida sexual ativa.

Rita é trazida à Saúde Mental com 10 anos, quando está entrando na puberdade. Pensamos que é a emergência da sexualidade na menina fonte de conflito para a família. Os movimentos da menina para o encontro, para a vida, têm que ser barrados por uma família que precisa estar morta para negar a morte de um dos seus, que precisa morrer para reencontrar-se como uma família inteira.

A árvore do desenho pode ser a representação de uma família idealizada que pudesse abrigar suas crianças - seus frutos - mas que é continuamente destruída. Frente à destruição compulsiva na fala de Rita não há possibilidade de reconstrução. Parece que Rita vê no pai a um só tempo a possibilidade de reconstruir a família e a falência de tal empreendimento.

Como esta família não pode conviver com os males

que a assolam a partir de seu interior, tem que se haver com perseguidores externos variados - a menina da escola que bate, os meninos com facas, o japonês da escola, o que se recebe em casa, a lua, os signos, são os balões que trazem o fogo e queimam. O resultado deste ataque generalizado, a mãe comenta: "Minha filha é torta." O que é inconsciente para a família é a maneira pela qual morrem - e se matam - para negar a morte. Negam a destruição que emana de si própria - esta árvore sempre a queimar, os balões ardendo no interior de si, esta família destruída e incapaz de reconstruir-se. Para recuperarem a vida, precisariam entrar em contato com a morte e elaborarem o luto pelo filho morto.

Rita está comprometida com a vida de fantasia inconsciente de sua família, presa a dar soluções para os conflitos familiares. Tem que dar conta da perda de um irmão com quem ela própria nunca conviveu. Está impedida, assim, de movimentar-se mais livremente, de brincar e crescer. É barrada pela mão da mãe. O que ela gostaria? "De estar na terra, brincar, no céu não entra vento nem nada." Rita está presa a uma família que precisa estar no céu, morta. Rita está entre a vida e a morte. Rita é um corpo que esquenta e esfria. Esta é sua estrela preta.

## 2. Francisco ou o afogamento na família

Francisco é um menino de seis anos, filho de mãe japonesa e de pai brasileiro. É o seu pai, um senhor de 61 anos corpulento e bem conservado, que vem para a primeira entrevista.

Conta primeiramente que tem apenas um filho, e que moram juntos apenas o casal e o menino. Mas que tiveram um primeiro filho, morto com nove anos afogado na piscina. O menino não sabia nadar direito. Isto ocorreu há doze anos.

O casal não é casado legalmente. O pai era casado com outra mulher e ela o abandonou. Vive com a mãe de Francisco há 21 anos.

O pai queixa-se de que o menino é muito peralta, muito levado em casa e na escola. Fala dormindo, bate-se, vira-se, é malcriado e preguiçoso para estudar. Não fica quieto, mexe em tudo, não pára um minuto. O pai gostaria que fosse mais quieto, mas está contente que seja assim: "É sinal de saúde."

O menino diz nomes feios, xinga o pai e a mãe. Os pais corrigem mas não adianta. O pai acha que o menino puxou ele, que também era muito levado.

Francisco nasceu de sete meses, o pai achou que talvez morresse. "Não é um menino sadio, está sempre adoentado: garganta, dor de cabeça, dor de dente, alergias."

O pai preocupa-se porque Francisco bate-se à noi

te. "É nervoso, calorento, não pará coberto, fala dormindo . Isso todas as noites. Às vezes fica sentado na cama à noite."

"É birrento, quando cisma com alguma coisa tem que ser." Às vezes os pais fazem o que o menino quer, às vezes batem porque se irritam.

"É muito dado, faz amizade com qualquer pessoa, tem o coração dado, muito bom."

A mãe vem na entrevista seguinte. Começa contando que Francisco quer tudo, "se não fizer ele põe a boca no mundo." A mãe fica nervosa e eles brigam. "Ele é muito nervoso." Tudo o que podem compram para ele. Lápis dura apenas um dia, a mãe disse que não compra mais, deu para ele uma lapiseira e ele grita que não quer. Grita com o pai e com a mãe, fazem o que ele quer e só então pára de gritar.

Quando Francisco nasceu o médico falou que ele ia ser nervoso porque ela era nervosa durante a gravidez. "E ele é nervoso mesmo." A mãe ficava nervosa porque tinha perdido um filho. Quando o menino morreu a mãe estava grávida de 4 1/2 meses e perdeu a criança. Era uma menina.

Assim, a mãe tinha muito medo de perder esta gravidez também. Deu ponto no útero para segurar mas a criança nasceu com dez dias para completar sete meses. Ela estava com hemorragia há 28 dias, ficou internada e fizeram cesárea. Ficou internada mais sete dias depois que Francisco nasceu e Francisco ficou 1 mês e 5 dias. A mãe não podia andar e por

isso não ia ver o filho. Foi duas ou três vezes só. O pai ia a todas as visitas. Ela não queria deixar o filho lá, e deu es cândalo.

O menino nasceu pequeno e cianótico. Tinha passado da hora, a bolsa de água rompeu no dia anterior. "O pai mima demais porque nasceu muito pequenininho." A mãe diz que não mima porque quer educá-lo como o outro, "muito mimado atrapalha a vida dele."

O médico não deu esperança de que ele iria vi ver. Não mamou no peito porque ficou internado. A mãe ti nha leite. O outro filho mamou até mais de um ano e só parou porque quis.

Francisco chorou logo que nasceu. A mãe só tor nou a pegá-lo quando teve alta. Quando veio para casa estava bem. A mãe tinha medo de dar banho porque era muito miudi nho.

Ela acha que atualmente está muito bem e não de ve pensar no passado.

Francisco vem pela primeira vez à Saúde Mental para uma observação lúdica. Está muito agasalhado e conta que está com caxumba. Olha os brinquedos da caixa mas não quer brincar.

A psicóloga lhe pede então que faça um desenho livre. Ele desenha e conta uma história:

"Faz de conta que este é meu primo. Estava pro

curando uma casa para morar, estava chorando. A mãe bateu nele e ele foi embora, foi em cima do telhado. Foi embaixo da árvore, pegou maçã, depois o lápis pegou ele e pintou ele, e a antena machucou ele. Procurava casa porque a mãe batia nele. Antena machucou porque ele correu no telhado, mas a história é de mentirinha. Este papel vai ficar aqui? Vai tu do para o lixo, não é? A mariposa ia pegar o menino e ele queria ir lá na árvore para esconder e ficar quietinho."

Na próxima vez que ele vem, faz o CAT. Estas são as suas histórias:

Prancha 1. Este pintinho aqui (da direita). Queria comer a comida daqui da tigela. Os outros dois ficaram bravos e não deixaram. A galinha ficou brava com os três (?) \* Queria comer tudo porque gostava e nunca comia comida na vida. Ele gostava da mãe dele, da galinha grande. A galinha grande queria ir em cima do prato da tigela (?) Porque ela gostava muito de comida e comia todo dia (?) Os pintinhos vão comer primeiro e ela vai comer depois. (?) O primeiro pintinho é amigo dos outros dois. (?) A galinha é mãe de todos. (?) O primeiro pintinho nunca conseguia comer porque a mãe corria atrás (?) Porque eles eram muito bravos. (?) Ele achou gostoso de conseguir comer. (?) Os nomes deles são Joãozinho, Perelinha e Neguinha.

---

\*Os sinais (?) indicam intervenções por parte da psicóloga no sentido de questionar e tentar esclarecer elementos do relato.

Prancha 2. Eu sei o que é, é urso. Este urso aqui (sozinho) queria matar este aqui da direita e o pequeno ficou ajudando o pai. Este aqui (esquerda) é a mãe que bate no pai e o pai derrubou a mãe dentro do poço e o filhinho quase caiu no chão. Isto aqui é no alto e a mãe vai cair e aí no chão onde tem prego e vidro. O urso pai foi embora (?) O filho foi embora com o pai, se jogou lá embaixo, no chão (?) A mãe morreu e os dois choraram. Ele queria matar ela e ela queria matar ele (?) Queriam se matar porque ele (pai) era bravo e ela gritava e batia no filhinho. O urso malvado e o filhinho bravo e o pai gostava do filho.

Prancha 3. Urso, não, leão. O leão fumando, o ratinho pegou o rabo dele, machucou e o leão correu atrás dele e o ratinho se mandou. Aí ele jogou a sujeira que estava fumando em cima do ratinho, matou o ratinho, comeu o sangue do ratinho. Ele era muito barbudo, caiu no chão e morreu e os olhos dele caiu (?) Chama leão sentado na cadeira (?) Ratinho machucou porque nunca comia comida (?) Matou o ratinho porque não gostava dele (?) Porque era muito bravo, o leão (?) Morreu porque encheu o saco do ratinho (?) Pensando enquanto fumava, estava nervoso e bravo com o ratinho (?) Porque o ratinho pegava o rabo, o nariz e o charuto dele.

Prancha 4. Cangurú. O cangurú estava correndo atrás do lobo, aí no fim perdeu a bola e o filhinho se mandou. Estava com o chapéu e sumiu, sumiu também a sacola de comida que o lobo levou embora. A bicicleta caiu no chão e quebrou. Ele se queimou e cozinhou. Um filhinho estava na bicicleta e o ou

tro que estava no bolso sumiu. Acabou (?) O canguru nervoso (?) O canguru grandão é que corria atrás do lobo (?) Porque tinha cordão para bater nele (?) O lobo pegou o chapéu e comida porque estava com fome (?) Filhinho que se mandou - os dois - porque não gostavam do pai e da mãe. Este aqui é o pai - o grande - e o de trás é a mãe. O filhinho estava nascendo agora (?) Porque não gostava do pai e da mãe? Ele gostava do pai e também da mãe. O pé do pai ficou cheio de sangue porque se machucou (?) O pé vai sarar (?) Quem se queiu foi o filhote. E o pai e a mãe bateu nele.

Prancha 5. A casa era muito bonita e o filhotinho queria pegar a casa. A mãe pegou ele, bateu e ficou com a poupança roxa e inchada. Ele quebrou o vidro e a mãe bateu de novo na mão, ficou vermelho. Ele foi dormir com o pai. A caminha dele furou e ele caiu no chão (?) Mãe batia porque ele era muito malcriado (?) Só dormia com o pai domingo e sexta(?) Não gostava de dormir com o pai.

Prancha 6. É urso? Uma vez uma pedra, aí o ursinho foi lá, não sabia que era pedra, bateu a cabeça na pedra e ficou queimado, pegou fogo. E daí ele foi embora com o pai dele. Ele chama ursinho, ursão (?) Ele estava sozinho, o pai chegou depois (?) E socorreu ele (?) Ursinho pedra ...

Prancha 7. O leão queria pegar a macaca e outro leão mordeu a leoa. A macaquinha estava com medo, subiu na árvore e a urso amarrou a perna da leoa, aí o macaquinho subiu na árvore, pegou um monte de banana e jogou em cima dele. Acabou. A leoa pegou na cara dele, jogou ele (?) Macaquinha subindo

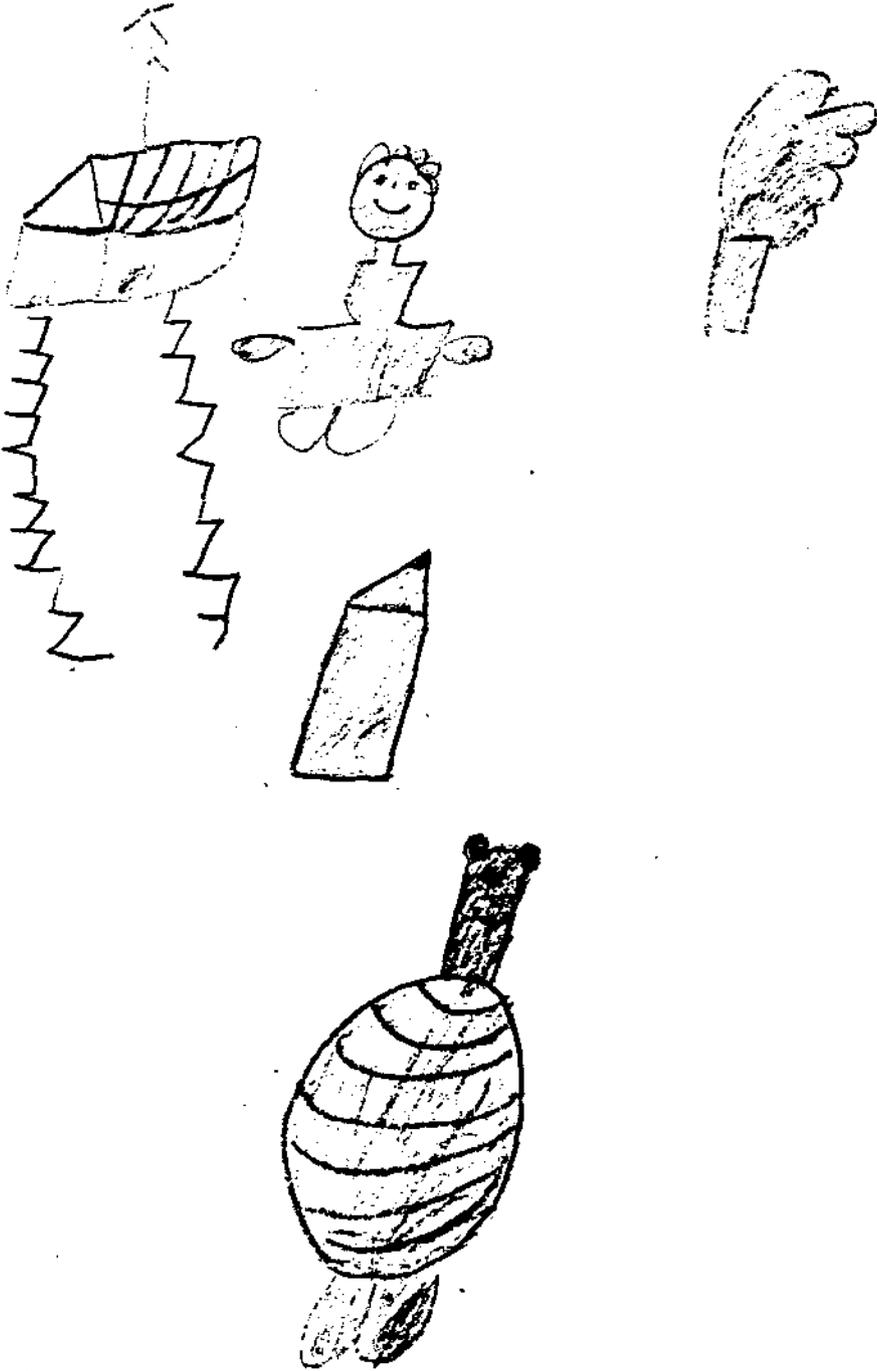
na árvore (?) Leão queria pegar macaca porque estava provo-  
cando ele (?) Queria pegar para jogar no fogo (?) Mas não  
conseguiu (?) Estava provocando porque a leoa não queria dar  
banana para ela.

Prancha 8. O pai, a mãe, o filho, a filha. O pai, a mãe mu-  
lher e o filho, a mulher é só amigos. Uma vez era duas maca-  
cas, brigaram com o macaco e ele deu uma surra, bateu nelas  
e o macaquinho foi pegar o pai, bater na macaca que estava  
brigando com o pai dele. Aí o macaquinho pegou o chá da mãe  
e jogou nas macacas (?) As macaconas (?) Jogou o chá porque  
sim (?) Brigaram porque ele estava provocando elas e ela es-  
tã contando uma história para ele. Como acabou a briga? Es-  
ses dois chamou a polícia (mulher e macaquinho) e a polícia  
prendeu estes dois (pai e mãe).

Prancha 9. Um dia era um coelhinho que batia no pai. Ele foi  
dormir e o pai bateu nele. No dia seguinte o bumbum dele fi-  
cou roxo. Aí ele foi deitar, dormir, dormiu (repete 8 vezes),  
ficou deitado (sete vezes) até cedinho. Vestiu a roupa, saiu  
por esta porta aqui e foi embora da casa dele e o pai achou  
ruim (?) O coelhinho brigador (?) Batia no pai porque provo-  
cava, o pai provocava ele (?) Não gostou de apanhar, não a-  
chou bem (?) Foi embora para sempre (?) Arranjou outra casa,  
sozinho, almoçava no bar, dormia no chão (?) Mas não era bom  
(?) Não tinha saudade de casa, não queria voltar.

Prancha 10. Um era o cachorrinho, ele ia no banheiro fazer  
xixi, não conseguia, chamou o pai, o pai levantou ele, ele

fez xixi no pai. Aí o pai foi fazer xixi também e fez fora. Ele enxugou ele e foi embora para a rua brincar (?) Os cachorro brigadeiro (?) Xixi fora do banheiro(?) O pai não achou nada do cachorro fazer xixi nele. Aí o pai tomou banho, se enxugou, foi para a rua tomar cerveja e o filhinho foi também (?) O filhinho também tomou cerveja.



4/3/82

## COMENTÁRIOS:

Ao apresentar a família o pai de Francisco diz que tem apenas um filho, e que moram juntos apenas o casal e o menino. A repetição sucessiva de apenas sugere uma falta, um a menos na família. O pai começa assim reclamando esta falta. É neste momento que conta do primeiro filho, tragicamente morto na piscina aos nove anos.

Sobre Francisco o pai tem uma série de queixas: é malcriado, xinga, é levado, agitado. Mas tem uma relação fundamentalmente ambivalente com os "sintomas" do menino: por um lado sente-se perturbado e sem recursos para por limites e conter o filho; por outro lado, vê nestes comportamentos sinais de saúde - são a certeza de que o menino está vivo.

Ao mesmo tempo o pai está muito atento aos sinais de doença do menino, como que à espreita de uma criança em constante risco de vida. Sinais de saúde e doença, de vida e de morte: Francisco pode morrer a qualquer momento também, como seu irmão?

A mãe começa por dizer que faz tudo o que pode por seu filho. E o menino sempre grita, descontente. Inicia assim trazendo a mesma queixa trazida pelo pai - um filho que os suplanta e frente a quem sentem-se impossibilitados de colocar limites.

Ela sente-se culpada pelo "nervoso" do menino, segundo o médico efeito de seu próprio "nervoso" devido ao filho perdido. O filho morto está presente, dando o sentido pa

ra a vida emocional da mãe e do filho. O filho morto passa pela relação mãe-Francisco antes mesmo deste nascer.

Vemos que a mãe também perdeu uma criança durante a gravidez e temia perder este último filho. Pensamos que ela expressa assim seu medo de não poder manter dentro de si uma criança viva - medo de não poder ser mãe que se expressa também através de uma gravidez e um parto bastante perturbados. Logo na maternidade ela não vai visitá-lo: além das dificuldades de caminhar pensamos que a mãe fala de seus temores de entrar em contato com o recém-nascido e danificá-lo. Neste sentido o pai, que ia ver o menino todos os dias, pôde oferecer-se como figura mais "maternal" para o filho.

O menino nasceu cianótico, a bolsa de água rompeu. Outro filho a morrer afogado?

O tema do afogamento ressurge quando a mãe diz que teve medo de dar banho no menino pequenininho.

Entre o pai que mimia porque nasceu pequeno e a mãe que quer educá-lo como o outro está Francisco. Francisco é, para os pais, a um só tempo o risco recorrente da morte e a sua negação. Quando a mãe diz que quer educá-lo como o outro, entendemos que ela quer recuperar em Francisco o filho morto. O casal tem medo de repetir a morte do primeiro filho mas, ao identificarem Francisco ao irmão morto, sustentam o presente neste passado.

Nesta dinâmica familiar Francisco é o menino frágil e adoentado, sob constante ameaça e fonte de permanente preocupação. Ao mesmo tempo, parece constituir uma ameaça

para os pais, que sentem-se fragilizados diante das investidas do menino.

Francisco, por sua vez, apresenta-se doente e bastante agasalhado. É nesse momento uma criança fragilizada que precisa ser protegida. É o mesmo menino que na fala dos pais aparece correndo risco de vida e necessitando de muitos cuidados. Doente e super agasalhado, parece estar impossibilitado, apesar do seu interesse e curiosidade, de brincar.

Ao nosso ver, através do desenho Francisco expressa suas fantasias a respeito do irmão morto: é este menino que vai embora da casa porque foi maltratado pela mãe e que sai à procura de uma outra casa. A saída não dá certo porque o menino machuca-se. Seu desenho fala de um menino triste e maltratado devido às suas estrepolias. Esta parece ser a fantasia de morte do irmão, ao mesmo tempo que a ameaça que ainda paira sobre ele: um menino travesso que apanha da mãe, sai de casa e morre. Se estas são as suas fantasias, como pode Francisco apresentar-se mais livre para brincar e soltar-se da mãe?

Parece que falta a Francisco um lugar onde possa estar: vai da casa para o telhado, dali para a árvore, e cada possibilidade transforma-se em motivo de fuga. Até o próprio lápis do desenho - seu fazer no momento - volta-se contra ele mesmo.

Francisco conta a história sobre o desenho e fica muito ansioso. Parece que a morte é uma mariposa sempre à espreita dos meninos que fazem travessuras.

Selecionamos algumas das histórias do CAT de Francisco que julgamos fornecer mais elementos para pensarmos aspectos ao nosso ver fundamentais desta dinâmica familiar:

A galinha da Prancha 1 aparece como uma mãe que não provê as necessidades dos filhos e não se encontra disponível para nenhum deles. Dentro de um clima familiar de competição pelo alimento, pelo amor, pelo cuidado, a mãe é mais uma competidora. Francisco apresenta uma mãe impossibilitada de acolher seus filhos já que, segundo sua hipótese, ela própria é carente, precisa de alimento e cuidado. Assim, o alimento fica impedido para ele ("o primeiro pintinho nunca conseguia comer porque a mãe corria atrás.")

O tema da competição é retomado na Prancha 2. Aí a mãe disputa com o pai e perde. Esta disputa é marcada por uma extrema violência, que leva a mãe à morte. Nesta disputa o menino alia-se ao pai. Francisco retoma aqui a ameaça que paira sobre ele ("se jogou lá embaixo, no chão"), ameaça que parece vir primeiramente da figura da mãe. O pai parece ser alguém mais protetor com quem o menino busca aliar-se.

Na Prancha 3 o ratinho-filho compete com o leão-pai. O ratinho observa as características paternas ("o rabo, o nariz e o charuto dele") e tem fantasias de tomá-las para si ou de estragá-las. Mas novamente, como nas situações anteriores, a competição é drástica, não tem apelação. Assim como não podia comer sossegadamente - tomar da mãe as coisas boas que ela pudesse oferecer - também não pode desear com tranquilidade possuir os dotes do pai. As figuras

de pai e mãe são extremamente persecutórias para ele.

Podemos pensar que estes pais, tal como aparecem no relato do menino, não podem acolher as investidas do menino e seus desejos de ser alimentado e de crescer. Os pais disputam com um filho que parece constituir-se em uma ameaça, um rival poderoso para eles.

Vemos como, na Prancha 4, a família fica destroçada nesta disputa pelo alimento e pelas coisas boas ("perdeu a bola, sumiu o chapéu, a sacola, a bicicleta caiu e quebrou"). Podemos pensar que as duas crianças que somem representam as duas mortes da família: o menino afogado e a gravidez perdida.

Na Prancha 5 o menino quer apossar-se de algo bom - a casa bonita; as boas coisas da mãe - e é novamente impedido por esta. A mãe parece não ter podido responder às investidas edípicas do menino, que vai então procurar acolhimento com o pai. Mas também junto a ele parece não encontrar os recursos de acolhimento que necessita e suas fantasias sexuais terminam em desastre e destruição.

Na Prancha 6, embora a percepção de três personagens seja negada - Francisco omite de sua história a figura da mãe -, esta volta, ao nosso ver, na forma de pedra na qual o ursinho bate a cabeça e se queima. Segundo nossa hipótese, as investidas libidinais do menino em relação à mãe esbarraram em uma mãe fria, dura ("uma pedra"), que não pôde acolhê-las. Francisco então queima-se no próprio fogo. Opta por ficar ao lado do pai ("daí ele foi embora com o pai dele").

A Prancha 9 sugere uma situação familiar muito difícil da qual o menino-coelhinho quer escapar. "O coelhinho que batia no pai" indica que Francisco sente o pai como alguém frágil que ele pode suplantar. Trata-se aqui da mesma problemática que aparece nas queixas dos pais - a ameaça que o menino constitui para pais frágeis que não podem contê-lo.

Parece-nos que a questão central desta família, que percorre as falas dos pais e as histórias de Francisco, tem a ver com a sua dificuldade de conter um filho em seu interior.

Os filhos parecem constituir ameaças para uma mãe carente e um pai fragilizado que não podem ver o filho como um pequeno ser, muito menor do que eles, que precisa dos seus cuidados e deles mesmos para suas investidas libidinais e agressivas. Parecem compartilhar da fantasia de que um filho chega em casa para disputar o alimento da mãe e desbancar o pai. Devido a esta fantasia, esta família tem que expulsar seus filhos de casa: é o que vem expresso através do irmão morto e das histórias de Francisco sobre meninos e coelhos que saem de casa e não encontram abrigo.

Assim, esta família quer filhos mas não pode conservá-los, pela ameaça que estes constituem para os pais. Os filhos não encontram acolhimento em pais-que tornam-se, assim, violentos e ameaçadores: a mãe-pedra, o pai-leão que mata o ratinho.

Tal como em Édipo, parece que este casal de pais vê na criança que nasce uma figura poderosa que os põem em peri

go. Sentem-se, então, incapazes de cuidar do recém-nascido. A angústia vivida por todos é a da impossibilidade de estarem juntos sem destruírem-se mutuamente. Sobre o menino paira a ameaça do afogamento na violência constituída pelo casal de pais ameaçados pelo filho. É neste sentido que a morte do irmão continua presente - expressão concreta e trágica desta ameaça.

### 3. Lucas e Álvaro: irmãos

Quando vou chamar a mãe, ela está cercada pelos quatro filhos, todos meninos. Pergunta se é para todos entrarem e eu lhe digo que gostaria de conversar só com ela neste primeiro encontro. Pede então ao filho mais velho, Lucas, que leve dois irmãos para brincar no jardim. Ele faz cara feia, fica irritado mas vai. A mãe traz o menor de todos, um menino de dois anos, no colo, e entra na sala carregando sacola e empurrando o carrinho.

Começa dizendo que os dois maiores, Lucas - de 11 anos - e Álvaro - de 9 anos, sempre brigam, são muito nervosos. O maior briga na escola e já machucou um outro garoto. "Não sei se é porque eles presenciaram todas as brigas do meu casamento, o comportamento do meu ex-marido. Eu sou desquitada, agora no final do ano, graças a Deus, consegui me separar dele."

Conta de surras que levou do ex-marido, foi parar várias vezes na delegacia. O marido, segundo ela, não trabalhava, vendia as coisas dela e comprova drogas.

Ele era músico, assim como ela, "a música nos unia." O delegado disse a ela várias vezes para que se separasse mas "quando olhava nos olhos dele sentia qualquer coisa forte, a dor dele", e não se separava.

Ela fala bastante, sem parar, está bastante aflita. Diz que seus pais têm ajudado financeiramente, dando u-

ma pequena quantia por semana para ela comprar comida para as crianças. Além disso ela tem um apartamento pequeno alugado por muito pouco, mas diz que os inquilinos "são muito bons e estão há muito tempo lá", então ela não tem coragem de aumentar o aluguel. Vai buscar comida em feiras mais baratas, de ônibus, até em lugares muito distantes.

Conta que os filhos quebram tudo, e que o marido quebrava também.

Relata muitos episódios atropeladamente, uma história em cima da outra. Em todas o ex-marido aparece como culpado, ruim, devassador e a família dela sempre ajudando, "gente maravilhosa."

Atualmente ela não dá mais aulas. Era professora de música, mas agora fica ocupada com a casa e as crianças. Tem um aspecto muito mal cuidado.

Mal pode responder ao que lhe é perguntado: logo vai para outros assuntos e não pode organizar-se para falar sobre os filhos que trouxe para serem atendidos. Gostaria que víssemos os dois maiores mas passa a contar dos problemas dos outros dois. O penúltimo, por exemplo, joga tudo fora, ou pela janela, ou pela lixeira do prédio.

Ao fim deste encontro marcamos uma nova entrevista.

A mãe chega um pouco atrasada ao segundo encontro e só traz o penúltimo filho. Diz que não sabia que horas e

ram porque o relógio quebrou e um outro despertador que tinha em casa, e com o qual ela despertava, o marido jogou contra a parede.

Em seguida conta mais coisas que o ex-marido fez: vendeu propriedades, vivia com outra mulher, trancava-se no quarto com um amigo, "acho que para tomar droga", etc.

Sobre os meninos ela diz que Lucas arrebentou a cara de um colega na escola por causa de uma menina e que já é a segunda vez que ele faz isso. Volta a dizer que os filhos brigam muito entre si, principalmente os dois mais velhos.

Conta que passou um tempão hoje fazendo vitaminas para os filhos e que o penúltimo pegou o copo e jogou tudo em cima do sofá. "Ainda bem que não quebrou o copo." Este mesmo filho jogou um chapéu dele na lixeira, ela foi lá no lixo buscar, trouxe o chapéu de volta todo sujo.

De Lucas diz que ficou grávida embora não quizesse a criança e que tentou abortar. Não era casada quando engravidou e acabou por casar grávida de cinco meses. Sentiu uma mudança muito brusca no casamento. Deparou-se com o serviço da casa e com o marido, "sentia a pressão da presença dele como barreira." Logo quis separar-se. "Tinha problema com o carro, ele queria ir para a casa dos amigos, eu queria ir para a minha mãe." Engordou muito nesta época, sentia-se cansada, não tinha regime alimentar adequado. "No oitavo mês de gravidez ele me agrediu."

Quando o menino nasceu presenciou briga, sangue,

toalhas encharcadas de sangue. "Acho que até a fisionomia do Lucas, não sei por quê ... eu contava muita história prã ele, do passado do pai, a professora disse que ele tem um espírito adulto."

O menino não mamou nem um mês. "Era muita aflição, tem que esperar, tive uma infecção uterina logo depois da gravidez." Logo passou para a mamadeira. "Não tive possibilidade de observar esta passagem, eu tinha que ver coisas mais globais. Meu marido brigava muito, eu não analisava muito o comportamento do bebê. Ele ouvia muita música, acho que isto suavizou a impressão dele."

"Com 20 dias houve uma briga, o bebê chorava, eu dei um cutucões nele. Meu marido também bateu no bebê, chegou a tirar sangue da boca dele. O bebê também levou uma queda com dois anos, quebrou os dentes da frente. Um dente até eu escondi prã meu marido não ver. Lucas rasgou o estofado do dentista de tanta dor."

"Acho que hoje ele é triste por causa também dos dois menores que nasceram. E também porque eu perdi o terceiro, aborto, ele presenciou tudo. A professora da 1.<sup>a</sup> série disse que ele era o menino mais triste da escola. Desde os três anos fugia de casa, voltava tarde."

A mãe conta que ele tem muitos amigos, é de relacionamento fluente. "Ele tem comunicação muito fácil, não sei se é do signo dele. Também, quando é inimigo... ele tem poucos inimigos. Tem amigos de vinte anos, ele acompanhava os amigos do pai, a conversa deles. Ele acompanha um adulto, jo

ga xadrez, cartas."

"Lucas gosta dos irmãos, mas se ele fica em casa sem saber o que fazer, aí ele começa a provocar, cutuca, aí entra a família toda. Agora ele está na casa da minha mãe, ele passa as férias lá. Ele sempre ia correndo para a casa da minha mãe, para não ver a cara do pai. Depois que me desquitei ele passou as férias em casa, eu fiquei tão contente! O pai dele não deixava ele ver TV, batia se fazia qualquer barulhinho, era um cavalo, nunca vi coisa igual."

Sobre Álvaro a mãe começa dizendo que também não queria e tentou abortar. Engravidou porque tinha medo de tomar anticoncepcional. Mas ficou apavorada quando abortou o terceiro. "Era um menino já com nome, nasceu de cinco meses. Fiz de tudo para abortar este terceiro."

"O Álvaro foi o que sofreu mais pressão. Ele andou caminhadas para buscar auxílio. Era vida de cigano. Nasceu de oito meses, eu pensei que era e não era, eu queria me livrar daquela barriga."

Os dois meninos fizeram xixi na cama até os cinco anos, mas não era sempre. "Eu dei banho frio neles, eu era perversa, fazia de tudo para eles ficarem quietos."

Conta que Álvaro comeu bem até o pai dizer que a comida da mãe não era boa. "Até hoje é problema." Não come nada diferente. O Álvaro viu o pai derrubar a comida toda no chão.

"Meus filhos são diferentes da minha família to-

da. São os mais agressivos, mais fracos; os que mais se destacam."

Conta que Álvaro era muito retraído na escola, ficava muito triste no parquinho, chorava, não queria ir para a escola. São poucas as amizades, quando ele tem um amigo ele adora, só fala no amigo."

Álvaro briga com os irmãos quando provocam, quando mexem nas coisas dele. Tem mania de destruir as coisas dele mesmo. Logo diz: "Não como mais, vou ficar o dia todo sem comer." "Também, teve uma infância, coitado ..."

Álvaro furou o ouvido, o tímpano, e teve uma queda, bateu a cabeça, "até hoje o formato da cabeça dele é diferente."

Lucas e Álvaro tinham medo do pai, "não sabiam o que esperar, se preparavam para tudo. Tanto odiavam muito quanto tinham alguma afeição. Ele comprava eles, teve umas partes positivas no meio daquela guerra toda."

Lucas diz que quer ficar só com o nome da mãe, o Álvaro riscou o nome do pai. O Álvaro chorou muito nos dias de visitas, não foi. O menor foi, a mãe acha que o pai dava tóxico para ele. Às vezes o Álvaro lembra-se de coisas boas, mas "de forma geral eles detestam o pai." A mãe diz que o pai não deu estrutura nenhuma para as crianças.

Ao final do encontro, ficaram combinadas duas entrevistas com Lucas e duas com Álvaro.

Lucas chega um pouco atrasado para a primeira entrevista. Vai entrando e diz que a mãe vem vindo atrás. Lucas entra e a mãe fica na sala de espera. Ele senta-se com cara de emburrado. Depois de uma entrada confusa, fica em silêncio. Lhe pergunto se tem idéia de porque estava ali, e ele responde: "é que eu quebrei a cara de um menino lá na escola. Ele começou a andar com a minha garota. Ela também deu bola prá ele. Então eu fui lá e quebrei a cara dele. E dela também não quero saber, me encheu o saco. Me encheu o saco eu parto prá porrada, não quero nem saber."

Lhe pergunto sobre a escola, ele diz que já passou de tudo. "Mas as professoras me enchem. Outro dia uma quis me mandar para a diretoria porque eu gosto de fazer bagunça na classe."

Sobre sua casa ele diz: "Meus irmão também me provocam. Então eu bato neles."

Depois de um breve silêncio, ele diz: "Quando eu crescer vou querer ser corredor de automóvel, não quero nem saber ..."

Pergunto pelo pai e ele responde: "Não quero nem saber. Foi embora com outra, então quero esquecer dele."

Na entrevista seguinte eu lhe aplico o CAT. Eis aqui as suas histórias:

Prancha 1. A mamãe galinha e os três pintinhos filhos de la. Tão na hora do almoço, eu acho. (Segura a prancha, olha para trás, larga a prancha) (?) Acho que eles estão esperando que a mãe dê comida, estão com fome (?) Depois que eles comerem vão fazer a digestão, acho que depois vão dormir, né? (?) Antes acho que eles devem ter brincado, por isso estão com fome, feito alguma artimanha (?) Devem ter a prontado alguma (?) não sei... quebrado janela de vizinho (?) Depois devem ter escondido da mãe. Agora estão com fome, querem comer.

Prancha 2. Eles estão brincando de cabo-de-guerra. Tem o urso, o filhinho do urso e o guaxinim (?) É um bichinho que tem o olho preto, aqui (aponta), por volta do olho (?) O guaxinim e o filhinho do urso estão contra o urso. Tem duas equipes - uma de um e outra de dois (?) O urso vai ganhar, ele tem mais força (?) O filhinho do urso deve ser amigo do guaxinim, eles dois devem estar querendo vencer o urso (?) O guaxinim é peludo, o rabo é preto e amarelo-ouro, por volta do olho tem uma pele preta, o corpo é todo coberto de pelos-castanhos. Mais sobre o guaxinim? As orelhas são parecidas com o urso, ele é pequeno, deve ter uns 30 cm de comprimento, o filhote, né? (?) Estão lutando porque devem ter apostado alguma coisa, dinheiro. O urso tá ganhando, ele tem mais corda. Estão apostando em cima de um morro pequeno. Só.

Prancha 3. É um leão que tá velho, deve ter uma perna des-  
troncada ou quebrada, usa uma bengala e fuma cachimbo. Tem  
um ratinho perto dele, do lado. Acho que ele quebrou a pata  
em alguma briga. Deve ser algum bicho que quer tirar o tro-  
no dele. Deve estar pensando alguma coisa (?) quando é que  
o animal deve tá querendo tirar de novo o trono dele. Acho  
que é só, não sei.

Prancha 4. Tem a mãe cangurú com dois filhotes. Um está na  
bolsa dela e o outro de bicicleta. Vão fazer um pic-nic. E-  
les estão levando leite e sanduiche. O filhote pequeno está  
carregando uma bixiga. Mamãe-cangurú está carregando uma  
bolsa de pic-nic e uma bolsa para os pertences dela, e tem  
um grande chapéu. Eles estão indo para a floresta (?) Vão  
lanchar lá, né? Depois o filho maior e o menor vão brincar  
(?) O maior vai correr de bicicleta e o menor vai estourar  
a bixiga(?) Eles são arteiros, tudo filhote arteiro (?) To-  
do filhote de cangurú deve ser arteiro (?) Devem pular, sair  
de perto da mãe. Sô.

Prancha 5. É para descrever a casa? Aí deve morar um casal  
e um bebê, no mesmo quarto. Tem uma janela de três vidros e  
duas cortinas (?) Não acontece nada, é um quarto que não tem  
ninguém. O casal e o filho devem estar passeando por aí. Tem  
uma cabeceira em cada lado da cama(?) De noite vão por o ne-  
nê para dormir... pera um pouquinho... os bebês já estão  
dormindo. Deve ser a mamãe e o papai urso. Pai e mãe devem  
ter saído para passear. Depois quando voltarem do passeio

vão estar cansados e vão dormir(?) Dormem no mesmo quarto porque é grande, espaçoso. Só.

Prancha 6. Uma caverna onde mora o pai, a mãe e o filhote urso. Caverna escura. O filhote está dormindo em cima de umas flores. O pai e a mãe estão dormindo juntos (tamborila os dedos na cadeira, suspira). Acho que eles devem estar se abrigando da chuva. Uma caverna de pedra (?) É, deve tá chovendo, ou eles podem tá morando aí. O filhote deve estar pensando em alguma coisa, acho que ele quer brincar na chuva(?) Tá pensando num meio de sair da caverna para brincar(?) Porque o pai e a mãe estão bloqueando a caverna, ele não pode passar. Podem sentir se ele passar por cima. Ele pode fazer um furo por debaixo da terra. Em cima deve ter algumas árvores, porque tem raízes por cima. Só.

Prancha 7. Quantas mais tem? É um tigre que tá querendo pegar um mico. Acho que o tigre tá com fome. É uma selva, deve ser a África. O mico tá tentando escapar do tigre. O mico vai subir na árvore que tem um monte de cipós. Está tentando escapar do tigre numa floresta que tem vegetação fechada. Ela pede ser subtropical. O mico é peludo e tá apavorado com o tigre. Também tá pensando em não virar comida de tigre(?) Se o tigre pegar o mico ele tá danado, só vai sobrar os ossos (?) Com a velocidade do tigre, vai pegar. Acabou.

Prancha 8. O pai, a mãe mico, a irmã da mãe e o filho(?) O pai e a mãe tão sentados num sofá e a tia tá num banco, lon

ge do sofá, dando vários conselhos para o miquinho. Na pare  
de tem um quadro da avó do miquinho(?) Mãe do pai, avó pa  
terna do miquinho (?) Conselhos: tem que ir bem lá na esco-  
la, esses negócios (?) o pai e a mãe tão tomando chá, de-  
pois a tia também vai tomar chá, mas primeira ela tá falan  
do com o miquinho (?) O miquinho tá ouvindo atentamente, né?  
(?) A mãe tá cochichando com o pai o que a tia pode tá fa  
lando com o miquinho. Só.

Prancha 9. É um quarto, tem um coelhinho sentado na cama .  
Deve estar esperando a mãe que foi fazer compra. No chão por  
volta da cama é todo encarpelado, tem um espelho na parede  
e uma janela ao lado. Tá esperando a mãe entrar por esta  
porta que tem aí. A janela está aberta. E ele ainda não quer  
dormir, tá preocupado com a mãe(?) Pode ser que a mãe não  
venha mais, tenha ido embora, abandonado ele. Tem um abajur  
embaixo do espelho e tem um gaveteiro onde tem as roupas de  
le. Só.

Prancha 10. É uma cadela e o filhote dela. Ela está dentro  
do banheiro e acho que o filhote não quer tomar banho. En  
tão a cadela se irritou e começou a bater nele. A toalha tá  
perto da banheira e tem o vaso sanitário, e em cima deve ter  
um armarinho onde tem os pertences da mãe e do filho. Só(?)  
Se o filhote não quiser tomar banho vai apanhar mais ainda.  
Deve ter se sujado brincando na lama, não sei. Tinha chovi-  
do na noite passada, foi brincar na lama, foi tomar banho  
agora. Só.

Álvaro chega para a primeira entrevista inibido, quieto, encolhido. Diz que a mãe vem vindo atrás. Ele entra e a mãe o aguarda fora. Quando lhe pergunto sobre suas idéias a respeito de porquê veio à consulta, ele começa a chorar mas controla-se, não quer que se perceba. Diz: "Eu fico com a garganta seca."

Lhe pergunto sobre como está em casa. Ele diz que o penúltimo bate nele, e que o mais velho também provoca. "Eu fui defender o menor porque o penúltimo estava batendo nele, aí minha mãe veio e bateu em mim." Do pai ele diz: "Foi embora, estava acabando com o dinheiro da minha mãe e ainda mais-tinha outra." E ainda: "Ele batia muito em mim. Quando havia barulho ele pensava que era eu, ele vinha e batia."

Na escola diz que está bem de notas e que brinca com colegas de pega-pega, corrente, etc.

Diz que gosta de viajar, "mas agora não dá." Está sempre com lágrimas nos olhos e fala pouco neste primeiro encontro.

Nas histórias do CAT ele é cooperador e bem sistemático. Começa quase sempre com as mesmas palavras e vai falando pausadamente:

Prancha 1. É para contar uma história? Uma vez uma galinha que alimentava três filhotinhos com minhoca. Todo dia eles

iam passear e depois iam comer um pouco. Eles-comiam sempre minhocas mas um dia acabou-se as minhocas e um dia a galinha teve que pegar mais minhocas para os filhotinhos comer. Quando os filhotinhos da galinha cresceram davam um passeio pela floresta. Mas um dia um deles se perdeu. Daí a galinha sempre estava procurando ele. E os dois filhinhos dela sempre ficavam perto dela. Não tenho mais idéia. (Ela achou o que se perdeu?) Não.

Prancha 2. Isso aqui é urso? Um dia a família urso estava brincando de corda. A mãe e o filhote sempre perdiam, mas um dia a mãe e o filhote ganharam. Depois a família urso apostou e a mãe e o filhote venceram. E ganharam a aposta. Depois o urso ficou nervoso e continuou apostando mais dinheiro. E ele sempre perdia. Um dia acabou o dinheiro do urso e ele não apostou mais dinheiro, mas a mãe e o filhote devolveram o dinheiro dele, e daí nunca mais apostaram.

Prancha 3. Um dia o leão brigou com a onça. E perdeu. No dia seguinte ele ficou pouco preocupado com a onça e ele não foi mais o rei da floresta. Mas aí o leão apostou com a onça. E quem vencesse seria o rei da floresta. Depois o leão ganhou e continuou sendo o rei da floresta. Daí ele nunca mais brigou.

Prancha 4. Um dia a mãe dos cangurus foi passear. E levou os dois filhotes dela. No passeio ela levou um pouco de comida mas quando ela foi comer a raposa roubou o lanche da mãe canguru e a mãe e os filhotes foram atrás da raposa pa

ra pegar o seu lanche de volta. Mas como a raposa era muito esperta ela fugiu.

Prancha 5. Um dia uma casa assombrada dois ursos entraram no quarto e foram dormir, mas o fantasma deixou os ursinhos morrendo de medo. Mas os ursinhos tentaram sair da casa assombrada mas o fantasma não deixou. Depois eles tiveram que se esconder. Mas não conseguiram, e depois eles fugiram pela janela e nunca mais entraram em casa assombrada.

Prancha 6. Um dia num cano de esgoto vivia dois ratos. E sempre estavam juntos. O cano de esgoto estava fechado, então um dia eles abriram o cano de esgoto e os dois ratos tentaram escapar fugindo do cano de esgoto. Mas eles não conseguiram e depois eles morreram.

Prancha 7. Um dia um tigre feroz tentou comer um macaco, mas ele, o macaco, sempre fugia. Mas um dia o tigre pegou ele e o comeu.

Prancha 8. Um dia na casa dos chimpanzês um macaquinho começou a fazer macaquices e depois o pai dele bateu no bumbum do macaquinho para ele aprender a não fazer mais macaquices. Depois ele começou a fazer um pouco de macaquices e o pai do macaquinho brigou com ele outra vez. Daí nunca mais o macaquinho fez macaquices.

Prancha 9. Um dia na casa assombrada os fantasmas sempre ir ritavam um coelhinho. Mas um dia o coelhinho chamou os caçadores de fantasma para pegar os fantasmas e mandá-los para longe. Mas os caçadores de fantasmas não conseguiram pegar os fantasmas e o coelhinho pegou uma espingarda e começou a atirar nos fantasmas mas as balas eram inúteis contra os fantasmas. E o coelhinho teve que mudar. Daí ele nunca mais foi perturbado pelos fantasmas.

Prancha 10. Um dia os cãezinhos estavam em sua casa brincando mas um deles quebrou o vidro. E o pai dele brigou com ele. E daí o cãozinho não brincou mais em casa, só no jardim. Mas daí o mesmo cãozinho estava brincando de bola e acertou a bola num vaso. Quebrou o vaso em cacos, daí ele levou ou tra surra. Daí ele foi no parquinho brincar com os amigos. Mas os meninos do parquinho não quiseram brincar com ele. Daí o cachorrinho teve que ficar em casa. Não quiseram brincar porque iam arrumar encrenca com o cachorrinho. Se o ca chorrinho quebrasse alguma coisa o dono podia por a culpa nos meninos.

## COMENTÁRIOS

Apesar de ter sido avisada, como é de praxe neste Centro de Saúde, de que só os pais devem comparecer à primeira entrevista na Saúde Mental, esta mãe vem com todos os filhos. Trazendo todos, a mãe já nos indica que todos devem estar envolvidos de alguma maneira em seu pedido de ajuda.

O pedido da psicóloga de que só a mãe entrasse barra o movimento do grupo e é vivido pela família - expressamente por Lucas - como exclusão. Ele tem que ficar de fora e, ainda mais, cuidar dos irmãos. Fica então irritado.

A mãe entra carregada e atrapalhada. Carregar a todos parece ser mais do que ela pode dar conta.

Começa por falar do comportamento nervoso e agressivo dos dois maiores em casa e na escola. Atribui a agressividade dos filhos às brigas dos pais e ao comportamento do ex-marido. Ela dá um sentido aos sintomas dos meninos ao ligar a violência destes à violência dos pais. Ao fazê-lo, indica a permanência na família de vivências muito agressivas, através da "transmissão" de tais vivências dos pais para os filhos.

Podemos pensar, portanto, que ao trazer estes dois filhos para serem atendidos ela também traz o casal, ou mais especificamente, os aspectos agressivos do casal que tornaram impossível estarem juntos. Talvez por isso será, por toda a primeira entrevista, tão difícil falar das crianças, já que estas estão toldadas pelo sentido dado pela mãe, sentido este que a remete constantemente à sua relação com o marido agora

perdido.

Ao falar da relação com o ex-marido a mãe sugere uma experiência emocional de ambivalência. Ao dizer "agora no final do ano, graças a Deus, consegui me separar dele" ela fala ao mesmo tempo de seu alívio e de sua dificuldade com esta separação. Porque apesar da descrição terrível que faz do ex-marido - surras, drogas, falta de trabalho -, fala de uma forte união entre eles - "olhava nos olhos dele, sentia qualquer coisa forte, a dor dele." Há nesta separação sentimentos de alívio e dor.

Pensamos que, para evitar esta dor, a mãe precisa preencher o vazio deixado pelo marido agora ausente. Não podendo elaborar a perda, traz de volta o marido para casa através das brigas das crianças. É a função do marido - representar o objeto ruim, destruidor - que é desempenhada agora pelos filhos.

A mãe chega atrasada para o segundo encontro e não sabe as horas. O relógio quebrou, o que traz de novo para o seu discurso a violência do marido: foi ele que jogou o despertador contra a parede. No atraso dela estão contidas a desorientação, a quebra, a violência. Ela nos diz que o atraso não é dela, já que a culpa é do marido.

Através do atraso e da explicação para ele a mãe traz também a vivência de abandono refletida em objetos que antes despertavam e que agora estão destruídos. É a partir desta vivência de abandono que podemos compreender o relato da mãe, todo ele de destruição.

Frente à responsabilidade que a situação presente lhe exige - cuidar das crianças, da casa, dos horários - ela ataca todo o seu passado e a relação com o ex-marido.

Ao episódio do relógio seguem-se os episódios de violência dos filhos: a história dos meninos, no relato da mãe, é toda pontuada de agressões - tentativas de aborto, separação do casal, brigas. As imagens trazem, em sua cruel concretude, a dimensão da violência partilhada por todos na família: "... aí ele (Lucas) começa a provocar, cutuca, aí entra a família toda ..." ou "... no meio daquela guerra toda..." são expressões do comprometimento de todos em formas violentas de relacionamento.

É através da música que a mãe veicula sentimentos de amor circulantes na família, que poderiam suavizar, compensar, a atmosfera de terror.

No primeiro contato com a psicóloga Lucas mostra-se emburrado, atrapalhado e violento. Seu repetido "não quero nem saber" sugere o desejo de negar e expelir de si tudo o que incomoda, sua intolerância para tudo que não gosta e uma impossibilidade de pensar conteúdos desagradáveis. Sugere também que Lucas está frente à vida em constante "pé de guerra".

Analisamos algumas de suas histórias no CAT que julgamos mais significativas para nosso trabalho:

Na primeira prancha Lucas vê a mãe galinha e os três pintinhos filhos dela. A explicitação de que são filhos dela sugere que este fato não estava naturalmente implícito para ele - esta ligação entre os filhotes e a galinha precisa ser espe

cialmente marcada. É hora do almoço e Lucas é tomado de ansiedade - há uma inibição neste momento. Entre a hora do almoço e a mãe dar comida há uma ruptura na fala de Lucas. Qual o sentido de tal ruptura? O relato a seguir sugere-nos que esta quebra da fala está ligada à quebra da janela do vizinho. Comer comida da mãe está relacionado, assim, a um estrago prévio de algo de outra pessoa. É difícil receber tranquilamente da mãe já que há, entre o desejo (a fome) e a satisfação, a culpa por um estrago do qual a mãe não pode saber. O resultado, que constitui sua vivência atual, são objetos estragados e a ausência de reparação possível. Ao contrário, há o medo da retaliação que se expressa através da ausência do alimento.

Na segunda prancha há uma disputa entre o filhote e o pai num terreno restrito - o monte pequeno - para todo o jogo de rivalidades e identificações com o qual o filhote tem que lidar. Como o conflito com o pai é muito ansiógeno, a atenção de Lucas desvia-se desta disputa para uma descrição obsessiva desta figura meio bizarra - o guaxinim, a um só tempo estranho à família, e portanto não tão ameaçador, e seu aliado.

A terceira prancha parece ser o desenvolvimento da segunda: o leão-pai agora com a perna quebrada, ameaçado de ser destronado. Trata-se da figura de um pai agora bastante enfraquecido, que ameaça Lucas na medida em que concretiza suas fantasias de ter atacado e destruído o pai, tornando-as perigosamente próximas do real.

A partir de tais fantasias podemos pensar em angústias de Lucas relativas ao crescimento, já que crescer equivale, para ele, a cometer estragos e tirar o pai de seu lugar,

violentando suas capacidades e recursos.

O relato da quarta prancha vai ao encontro desta hipótese pois aí Lucas coloca como "ser arteiro" sair de perto da mãe e, podemos pensar, crescer e tornar-se independente. Isto deve resultar em um estrago.

Frente à quinta prancha Lucas impede-se de ver (ou fantasiar) a cena primária - o que quer que ocorra dentro deste quarto. Defende-se obsessivamente destas fantasias descrevendo os objetos e pondo todos fora do quarto. Desta forma ele escamoteia sua angústia. O quarto que não tem ninguém é a negação de suas próprias percepções. Todos estão dormindo, ou vão dormir, sugere o adormecimento da capacidade de perceber, fantasiar, pensar, capacidade decisiva para os processos de desenvolvimento. Para não entrar em contato com a cena edípica e com todas as fantasias que envolvem a relação entre os pais, Lucas bloqueia seu pensamento. Esta inibição do pensar está ligada a um déficit da capacidade simbólica, o que torna os pensamentos perigosamente reais, concretos.

Entendemos que a caverna escura de pedra da sexta prancha é a imagem da angústia de Lucas preso a uma relação com os pais da qual não pode sair. O filhote-Lucas está impedido de brincar porque é bloqueado pelos pais. Brincar só parece ser possível se os pais não estão juntos no meio do caminho. Para sair desta situação ele tem que driblá-la, usar artimanhas. Não pode tolerar a sua elaboração - outra condição fundamental para o crescimento.

Frente à nona prancha Lucas descreve detalhadamente

o que vê. Esta descrição permite a ele afastar-se da angústia do coelhinho que espera a mãe. Ele tem dúvidas sobre se a mãe vem. Lucas parece esperar por uma mãe que possa acudi-lo e retirá-lo da vivência de angústia em que ele se vê preso e sozinho. Esta mãe não chega.

Vemos que uma problemática delinea-se através das histórias de Lucas: para ele crescer, tornar-se independente, adquirir uma individualidade através da qual possa fazer uso mais pleno de suas potencialidades está ligado a cometer um estrago, que expressa-se através de desbancar um pai enfraquecido - "quebrar a janela do outro". Como castigo, ele fica sem o alimento da mãe.

Podemos pensar que Lucas fica impedido, por tais fantasias, de elaborar uma relação com os pais através da qual possa separar-se deles. Parece que ele precisa ficar junto da mãe e não pode enfrentar o pai.

Esta dinâmica vem ao encontro da estruturação familiar que aparece na fala da mãe - filhos meio que "esvaziados" de identidade própria, destinados a desempenhar a função violenta outrora desempenhada pelo casal em litígio.

Ademais, é próprio de Lucas, tanto na primeira entrevista quanto nas histórias que conta, o caráter demasiadamente concreto de suas fantasias, o que o assusta terrivelmente. Tal concretude, a nosso ver, encontra outra manifestação na violência partilhada no interior de sua família.

Vejamos agora algumas das histórias de Álvaro, para em seguida pensarmos nas possíveis relações que tecem com as histórias de Lucas e com a fala da mãe:

Frente à Prancha 1 Álvaro repete as instruções: "É para contar uma história?" Como ele já sabe que este é o pedido, a repetição deve ter um sentido mais ligado a sua dinâmica particular: através de um certo atraso para começar ele afasta-se da prancha e de tudo o que esta lhe suscita. Repetindo a pergunta, Álvaro nega o que já sabe para não entrar em contato com aspectos angustiantes suscitados pela figura. Fala então de uma galinha provedora que alimenta sistematicamente - "todo dia" - seus filhotes. Mas há um episódio de ruptura - "acabou-se as minhocas" -, uma perda, que ele tenta negar fazendo a galinha ir pegar mais minhocas para comerem. Mais tarde os filhotes crescem e dão um passeio pela floresta. Há aí uma aparente independência e separação da mãe. Mas a perda retorna - "um deles se perdeu". A perda vem como consequência do crescimento, e trata-se de uma perda irreparável. Álvaro deve ter a teoria de que crescer remete a perdas. A galinha-mãe permanece presa a esta perda - "daí a galinha sempre estava procurando ele". O crescimento é lesivo para mãe e filhos.

Também frente à Prancha 2 Álvaro começa por negar o que sabe através da pergunta "Isso aqui é urso?" Introduce assim a idéia de que se trata aqui também de uma situação de angústia. Conta então de uma disputa na família - mãe e filhote de um lado e pai do outro. Há uma disputa entre os pais em que ele fica do lado da mãe. O pai não tolera a perda. A fan

tasia de Álvaro parece ser a de que a mãe e seus filhotes tiraram o lugar do pai, sua força e capacidade. Mas o filhote não tem direito ao que conquista através do que sente como usurpação e precisa devolver tudo para o pai. Podemos pensar que Álvaro sente não ter direito ao que conquista através de seu desenvolvimento, inclusive através de identificações com aspectos positivos do pai.

Na Prancha 3, ao nosso ver, Álvaro fala de uma briga entre os pais em que a mãe é mais violenta e o pai perde seu lugar. A preocupação do leão parece ser a projeção da própria preocupação de Álvaro, que teme pela fragilidade do pai. Álvaro arranja um jeito de reempossar o leão e constrói aqui a família ideal - uma família em que os pais não brigam e o pai é o chefe. Em oposição, podemos pensar que Álvaro teme pela fragilidade da estrutura familiar.

Podemos entrever que a situação de crescimento é potencialmente perigosa também para Álvaro: junto à mãe, crescer equivale a perdê-la, a perder o alimento. Junto ao pai, crescer equivale a roubar o lugar deste, que é visto como frágil.

Através da Prancha 5 podemos entrever fantasias - "fantasmas" muito angustiantes para Álvaro. O fantasma é expressão do medo do inefável e da vivência de uma angústia sem saída. Tratam-se de idéias insuportáveis vividas de maneira muito persecutória, e o único jeito de lidar que Álvaro encontra é o de "nunca mais entrar nelas". Álvaro parece não ter acesso à possibilidade de elaboração destas fantasias.

A Prancha 6 parece ser uma outra expressão da angústia ligada a vivências de estar preso, sem saída, a uma situa

ção pesada, apertada e suja - o cano de esgoto, onde Álvaro sente a ameaça da morte.

A Prancha 8, em oposição, parece trazer uma situação familiar idealizada, em que um pai forte e atento às "maquices" do menino está preocupado em educá-lo.

A Prancha 9 parece ser uma reedição de angústias de Álvaro frente às quais ele se sente sem condições internas para lidar - "caçadores, espingarda", é tudo em vão contra os fantasmas. A única solução aqui parece ser "mudar" de casa.

Pensamos que Álvaro se vê frente a angústias intensas relativas ao crescimento e à elaboração de sua relação com seus pais. Álvaro não pode elaborar estas angústias, sente-se sem recursos internos para tanto, e a única saída que encontra é maníaca - "tem que mudar". Há um perigo constante que ele tenta combater mas que volta sempre.

A saída maníaca é adotada por toda a família, que tenta afastar da casa os aspectos mais violentos através da separação de um pai que é tido por todos como muito ruim. Ao ser assim configurado, parece carregar consigo aspectos destrutivos de toda a família, que desvencilha-se agora com mais facilidade de um de seus membros: não precisam lidar com os sentimentos ambivalentes despertados na separação, já que o pai é visto tão negativamente. O resultado deste afastamento, no entanto, é o retorno sempre tempestuoso da violência através das crianças.

A tentativa de afastar o pai não funciona porque trata-se de uma dinâmica familiar que transcende a personifi-

cação, repetindo-se a cada vez entre os os diferentes mem  
bros.

Esta temática percorre todo o CAT de Álvaro - o ob  
jeto perseguidor sempre a retornar, por mais que se tente a  
fastá-lo. Há sempre uma oposição às tentativas do menino de  
viver mais livre, brincar e afastar-se dos fantasmas.

Vemos em Lucas e em Álvaro uma dificuldade acentua  
da em elaborarem e superarem angústias que acabam por obs  
truir um desenvolvimento mais pleno. Comprometidos com o lu  
gar e com a função designados pela família (mais especifica  
mente, pelos aspectos destrutivos do casal), isto é, reinsta  
larem em casa um "clima de guerra", não encontram nesta famí  
lia o suporte necessário para atravessarem as etapas do de  
senvolvimento que podem conduzir à aquisição de uma identida  
de própria. Ao invés, ficam como que misturados e presos em  
um "cano de esgoto sem saída", destinados a carregar a res  
ponsabilidade pelos estragos que tão familiarmente convivem  
com todos eles.

## CAPÍTULO VI: ALGUMA DISCUSSÃO

Voltamos agora à nossa questão inicial: se, e de que maneira, a criança expressa, através de sua produção particular, fantasias de todo o grupo familiar ao qual pertence.

Retomemos nossas crianças: vemos em Rita o irmão morto como pilar da estrutura familiar - como a sua família tenta dar conta deste acontecimento e como se arranjam mutuamente para negarem a perda. Rita é assim chamada a dar conta de um irmão que morreu antes mesmo dela ter nascido. Em Francisco o tema do afogamento permanece presente, quer seja através do relato dos pais, do cuidado com Francisco quando pequeno, ou através das histórias do menino, nas quais o perigo representado pela violência na família é constantemente retomado: a ameaça é de um afogamento na violência do triângulo constituído por Francisco e seus pais. Sua família constitui coisas que podem matá-lo, num processo de projeções e introjeções da violência dos pais e da violência própria. Através dos irmãos Lucas e Álvaro e do relato de sua mãe podemos ver como lidam com a separação dos pais. Frente à dificuldade de elaborar esta perda, parece que precisam constituir um pai muito ruim, muito violento (ainda que este possa ter características pessoais que confirmem o lugar em que é colocado), para que esta separação seja possível e que não reste qualquer sinal de amor por ele ou qualquer tristeza pela perda.

Estas três famílias precisam dar conta de um da do da realidade - e como o fazem? Em Rita, pela negação da perda: "ele vai fazer 14 anos." Em Francisco, pela identi ficação deste ao irmão morto e através de uma ameaça de mor te sempre presente. Em Lucas e Álvaro, pela constituição em conjunto de um objeto muito ruim do qual podem então sepa rar-se.

Pensamos que tais fantasias constituem-se em um arranjo familiar conjunto a partir da interação, interpene tração das fantasias de cada um em suas relações recípro cas. A fantasia da criança - sua produção - é assim uma tra dução pessoal da fantasia da família. E a criança elabora sua própria tradução através de elementos de seu desenvol vimento emocional e psicosexual. A vida de fantasia da famí lia é traduzida pela criança através de suas próprias ansie dades, defesas e fantasias. Assim é que as fantasias da cri ança em torno da perda são constituídas num arranjo parti cular entre as fantasias de toda a família e a elaboração da criança segundo seu estágio de desenvolvimento psicose xual. Em Rita o duelo entre a vida e a morte é retomado no momento em que ela torna-se uma mocinha - em que aflora uma sexualidade mais propriamente feminina. Aí é que torna - se mais presente o conflito - ela pode crescer, viver, ou tem que adoecer, esfriar-se, para dar conta do compromisso que tem com sua família? Francisco retoma o tema do afogamento através de fantasias uretrais - a violência no interior da família ganha um colorido uretral: "ele faz xixi no pai" , "queria pegar para jogar no fogo" (Freud evidenciou em vá rios artigos a íntima ligação entre água-xixi e fogo), são alguns exemplos.

Vimos como a criança, primeiramente na sua relação com o seio, em seguida com a mãe inteira e com outras pessoas ao seu redor, vai paulatinamente construindo seu mundo objetal. Este mundo de objetos constitui-se ao mesmo tempo dentro e fora da criança, e tem como suportes preferenciais as pessoas mais próximas - pais, irmãos, familiares. Esta construção se dá através de um processo contínuo de projeções e introjeções de sentimentos e ansiedades que acabam por impedir a discriminação entre a família interiorizada - família da fantasia - e a realidade da família. Se já estamos familiarizados (?!) com as questões que nos são colocadas quando tentamos apreender a realidade de qualquer objeto, tais questões são potencializadas quando a família debruça-se sobre si própria - como vê os seus e os acontecimentos de sua história.

Para o exame do olhar do sujeito - em nosso caso, da criança - sobre sua família, é preciso pensar o lugar deste olhar e sua constituição. Buscamos apreendê-lo através de três vértices - o da família da fantasia, o da fantasia da família e de um dado de realidade a partir do qual podemos observar o entrelaçamento dos dois anteriores. O olhar da criança é complexamente construído a partir da família que ela constitui para si e da família na qual ela é convocada a construir. Seu olhar é multideterminado tanto por elementos próprios de sua vida emocional quanto pela vida emocional de sua família. É neste sentido que a criança não é livre para construir e observar o mundo. A partir de si e dos outros ela é impelida ou proibida de observar determinadas coisas, acontecimentos, ou a experimentar determinadas vivências. Desta forma o grupo

familiar viesas as possibilidades de interpretação do mundo pela criança.

Não pretendemos afirmar aqui a possibilidade da criança ter uma interpretação absolutamente livre do mundo. As interpretações são sempre viesadas a partir das condições de sua produção - condições sociais, históricas e também emocionais. O que queremos observar é como isto se dá - segundo que processos e obedecendo que determinações.

É também no seio da família que a criança encontra substratos para organização de um entendimento possível de si e dos outros. Neste sentido a família não constitui apenas sintomas mas também sujeitos com possibilidade de lidar com aspectos seus e da realidade.

Muito se tem dito sobre as múltiplas determinações da família - determinações econômicas, sociais, geográficas, culturais. A psicanálise pode trazer a sua contribuição para a compreensão dos fenômenos familiares a partir da noção de determinações inconscientes e do estudo da vida afetiva do grupo familiar, vida esta que busca expressar-se de determinadas maneiras.

Freud apontou para a íntima conexão entre a representação da família e a sexualidade. Há dentro de cada um um retrato de família cujas cores são dadas pela vida emocional. Neste retrato interno, "negativo" interior da família, cumpre ver as aproximações, os afastamentos, as disposições, os olhares. Freud revela a sexualidade dando o tom e a configuração deste retrato. É seguindo esta linha de pen

samento que Berenstein pede às famílias que o consultam que desenhem a planta de sua casa. Segundo ele a geografia do ambiente é expressão de fantasias inconscientes: a família tende a organizar-se em sua casa, a distribuir seu espaço, segundo tais fantasias.

A psicanálise traz para o estudo de famílias a noção de fantasia, e em nosso trabalho abordamos autores que ampliaram tal conceito para abarcar fenômenos grupais e em particular a família. Aproximamos o conceito de fantasia de outro retirado de outra área de saber - o mito. Sugerimos que os mitos familiares são formas privilegiadas através das quais a vida de fantasia da família ganha expressão. O mito familiar é a forma através da qual contradições são resolvidas no interior da família e conflitos são aplacados. Mas o custo é alto: o mito também é uma interpretação particular da realidade que convida o olhar, a percepção, para determinados fatos e não outros. Neste sentido, pode impedir mais ou menos gravemente a possibilidade dos membros do grupo pensarem e perceberem por conta própria. Há um repúdio constante de sinais de realidade que possam ameaçar determinados arranjos defensivos estabelecidos, sem os quais a família crê, ainda que inconscientemente, que desestruturaria.

Mas a questão das complexas relações entre família e mundo interno - é a família estrutura a partir da qual se constitui o mundo interno ou é ela objeto a ser incorporado a esta estrutura? - precisa ainda ser refletida.

Teorias psicológicas, em particular psicanalíti

cas, ora apontam para uma ou outra destas duas vertentes. De um lado há a tendência a ver a criança como uma "tela em branco" moldável segundo as injunções do meio, o tipo de educação, a oportunidade de ter pais mais ou menos adequados. Neste caso a família seria a estrutura e a instituição social a partir da qual se constitui a vida emocional, afetiva da criança. De outro há a tendência a ver a criança com um mundo interno constituído desde sempre: são emoções, afetos, ansiedades, já prontos a se aderirem a determinados objetos que mais dariam a "cara" do medo, do amor, do ódio. A família presta-se então a fornecer os objetos necessários para que os afetos possam ser realizados.

Mas se lançarmos mão da noção de uma estrutura familiar inconsciente talvez possamos nos localizar em uma vertente que não coincide com nenhuma das anteriores, nem bem é uma mistura delas. A noção de estrutura familiar propõe outra coisa: que a criança é parte de um todo cujos elementos se constituem em suas relações recíprocas. É na interação da criança com seus familiares que se constituem uns e outros, e não é possível pensar a criança fora desta estrutura. Nem determinada pelo meio, nem constituída isoladamente, a criança é parte e realiza, no plano do seu psiquismo, a tradução de movimentos do grupo familiar. Neste sentido é que família da fantasia e fantasia da família constituem-se reciprocamente. O mundo interno é a um só tempo estrutura acionada no interior da família e constitui uma família fora e dentro de cada um.

A experiência da perda de um elemento do grupo familiar é, como dissemos, situação privilegiada para obser -

varmos a constituição do mundo interno em suas relações com a constituição da vida de fantasia da família. Em nossos casos vemos como as famílias podem facilitar ou não para cada um de seus membros a elaboração de uma perda. Rita, Francisco, Álvaro e Lucas estão comprometidos com o trabalho de luto de suas famílias de uma forma tal que a perda nunca é elaborada ou pode ser superada: Rita tem que viver morta, doentada; sobre Francisco paira a ameaça de morte; Lucas e Álvaro são chamados a repetir as funções do casal em briga. Identificados com os membros perdidos, são depositários das ansiedades de todo o grupo. O grupo não se despede do que perdeu e convoca a criança a cumprir esta particular função de reinstalar o objeto perdido em seu interior.

Durante a elaboração desta dissertação - em especial nos momentos de tratar do luto na família e da análise dos casos - fui tomada por sentimentos muito difíceis de suportar: desânimo, fraqueza, no geral uma grande dificuldade de entrar em contato com as situações apresentadas. Mas foram estes sentimentos, tão difíceis de lidar, que me deram a chave da experiência emocional destas famílias. Frente à perda e ao trabalho emocional que esta impõe, estas famílias devem sentir que é um trabalho além de suas forças ou de sua capacidade de elaboração. Como eu muitas vezes largando o trabalho - tardes infrutíferas, raiva, desespero -, estas famílias precisam valer-se de meios que evitem ou posterguem para sempre o seu trabalho emocional. Se "combinam" mutuamente que não houve perda, não há trabalho emocional com o qual se haverem. Talvez a comparação possa ir além. Se eu opto por fazer como estas famílias - e

às vezes a vontade não faltou - largar tudo, desistir do trabalho, criar situações que acabam por impedi-lo e justificar a sua não realização, corto também a possibilidade de crescimento que sua realização por fim produziu. Cresço porque com ele posso tornar-me mestre, e isto em mais de um sentido. Além do passo à frente na carreira universitária, torno-me mestre ao ganhar maior domínio sobre uma área de conhecimento, ainda que tão restrita. Creio que há algo semelhante nas famílias. Porque é através da possibilidade que ela dá aos seus de irem vivendo e elaborando situações particulares de vida que ela pode propiciar o crescimento. Proibir vivências, negá-las, é também impedir o desenvolvimento emocional, porque não se permite aprender com a experiência.

Ainda mais. A possibilidade de ter esse insight a respeito de um estado emocional - esta dura mistura de desânimo, raiva, desespero - aponta para uma capacidade que talvez esteja ausente em determinadas famílias, e isto abriria todo um campo de investigação e reflexão. Trata-se da capacidade de simbolizar. Ao pensar sobre um determinado estado emocional posso diferenciar-me dele. As palavras justas produzem uma transformação deste estado e um distanciamento dele, o que me permite pensar a seu respeito. Através da palavra - dos símbolos de forma geral - podemos separar-nos dos objetos porque tornamo-nos capazes de recriá-los no mundo interno. Estabelecemos equações simbólicas segundo as quais objetos ou símbolos representam outros objetos permanecendo, no entanto, com qualidades diferentes.

Através de identificação projetiva as famílias que vimos depositam concretamente aspectos de si e dos objetos em outros objetos sem a possibilidade de diferenciar uns de outros: Francisco é igualado pela mãe ao irmão morto, Lucas e Álvaro desempenham a função do casal de pais violentos. Desta forma obliteram a separação e a diferença entre os membros. Não há, portanto, separação e distância suficiente para que os elementos da família possam ver-se mutuamente em seus limites mais reais. Da mesma forma não podem pensar, diferenciar-se, de seu próprio estado emocional. É a confusão entre realidade e fantasia que nubla os limites de cada um e que possibilita a negação da realidade tanto externa quanto psíquica.

Ao fornecer instrumentos conceituais que tornam possível pensar sobre as condições do pensamento e da percepção, a psicanálise pode ser de grande auxílio para estudarmos movimentos grupais e sociais de conluio, negação, preconceitos - toda forma de obliteração e alienação da realidade psíquica e social.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

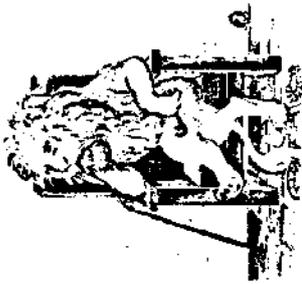
1. BARANGER, W. Posição e objeto na obra de Melanie Klein. Porto Alegre, Artes Médicas, 1981.
2. BELL, N. & VOGEL, E. The emotionally disturbed child as the family scapegoat. In: \_\_\_\_\_. A modern introduction to the family. London, Routledge & Kegan Paul, 1960.
3. BELLAK, L. & BELLAK, S. Teste de apercepção infantil. São Paulo, Mestre Jou, 1981.
4. BERENSTEIN, I. Psicoanálisis de la estrutura familiar. Buenos Aires, Paidós, 1981.
5. BION, W.R. Experiências com grupos. Rio de Janeiro, Imago, 1975.
6. FERREIRA, A. Mitos familiares. In: Interacción familiar. Buenos Aires, Ed. Tiempo Contemporaneo, 1971.
7. FREUD, S. Luto e melancolia (1917 [1915]). In: A história do movimento psicanalítico. Artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos. Rio de Janeiro, Imago, Ed., 1974. p. 271-91. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud).
8. FREUD, S. Romances familiares (1909 [1908]). In: 'Gradi va' de Jensen e outros trabalhos. Rio de Janeiro, Imago Ed., 1976. p. 241-47. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud).

9. ISAACS, S. A natureza e a função da fantasia. In: KLEIN, M. et al. Os progressos da psicanálise. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1978.
10. JACQUES, E. Social systems as defence against persecutory and depressive anxiety. In: KLEIN, M. et al. New directions in psychoanalysis. London, Tavistock Publications Ltd., 1955.
11. KLEIN, M. Algumas conclusões teóricas sobre a vida emocional do bebê. In: \_\_\_\_\_. Os progressos da psicanálise. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1982.
12. KLEIN, M. O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos. In: \_\_\_\_\_. Contribuições à psicanálise. São Paulo, Mestre Jou, 1970.
13. LAING, R. D. A política da família. São Paulo, Martins Fontes, 1983.
14. LÉVI-STRAUSS, C. Introdução à obra de Marcel Mauss, In : MAUSS, Col. Grandes Cientistas Sociais, vol. XI, São Paulo, Ed. Ática, 1979.
15. LÉVI-STRAUSS, C. O pensamento selvagem. São Paulo, Ed. Nacional, 1970.
16. MANNONI, M. A criança, sua "doença" e os outros. Rio de Janeiro, Zahar, 1980.
17. MEYER, L. Família: dinâmica e terapia. São Paulo, Brasiliense, 1987.

18. RAIMBAULT, G. A criança e a morte. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1979.
19. ROSENFELD, H. (1969). On projective identification. Contribuição ao colóquio internacional de psicose em Montreal. Posteriormente publicado sob o título: Contribution to the psychopathology of psychotic states: the importance of projective identification in the ego structure and object relations of the psychotic patients. In: Problems of Psychosis Ed. P. Doucet & C. Laurin. The Hague: Excerpta Medica, p. 115-128.
20. SOIFER, R. Psicodinamismos da família com crianças, com técnicas de jogo. Petrópolis, Ed. Vozes, 1982.

A N E X O

AS PRANCHAS DO CAT



4

3

2

1



8

7

6

5



10



9

Le C.A.T.